
3 1761 07048240 1

Obras completas
de A. F. de Castilho

XL

Casos do meu tempo

VOLUME II



LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
95, Rua Augusta, 95
1906

OBRAS COMPLETAS

DE

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO

VOLUME 40.º

VOLUMES PUBLICADOS:

NO PRÉLO:

OBRAS COMPLETAS DE A. F. DE CASTILHO

Revistas, annotadas, e prefaciadas por um de seus filhos

XL

CASOS DO MEU TEMPO

VOLUME II



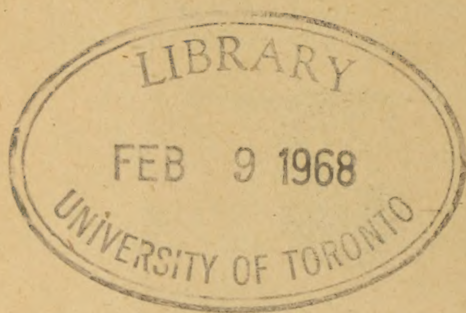
LISBOA

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL

Sociedade Editora

LIVRARIA MODERNA — Rua Augusta, 95 || TYPOGRAPHIA — 45, Rua Ivens

1906


LIBRARY
FEB 9 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

XXX

Scotographia

(Setembro de 1842)

¿Quem marcará limites de impossivel aos progressos d'esta edade?

Temos visto as sciencias physicas surgindo, crescendo á porfia, e impellindo-se mutuamente para o infinito, todas a cada uma, e cada uma a todas, realisarem os feitiços e magias mais incriveis, e, diremos até, mais absurdos.

Quasi que não ha milagre, nem nesmo a ressurreição dos cadaveres, que a Arte não imite, ou não arremede

Até vimos, n'estes ultimos annos, uma das allegóricas fabulas da Grecia converterse em historia, e, mais que historia, em realidade por todos presenceada. O Apollo dos Antigos, ora sol, ora deus das Bellas-artes, deixou de ser uma chiméra: Daguerre o obrigou, não a inspirar pintores, mas a servir como pintor aos homens elle mesmo.

Toda a Europa tem admirado os quadros do *daguerreotypo*, essas lâminas metallicas aparelhadas com o ióde, em que um feixe de raios solares, apertados por uma lente, e servindo de pincel, dcbuxa os objectos até á

sua minima e mais imperceptivel particularidade.

Antes de Daguerre, tambem o sol pintava as imagens das coisas, quer na alma humana atravéz dos olhos, quer na superficie insensivel do espelho; mas a visão do espelho desapparecia, logo que o objecto, ou a luz, se retirava; e a alma, pouco menos tenaz, confundia, desbotava, e vinha finalmente a apagar, as ideias que pelos olhos tinha ganho. O daguerreotypo, verdadeiro espelho constante, e alma corpórea com perfeita retentiva, conserva em si, claro, manifesto, e imperturbavel, quanto uma vez se lhe mostrou

¿Poderá haver maior milagre do que este da *luz pintora?* Pode, e ha: que é, serem pintoras as trevas.

Photographia se chamou áquella Arte; chama se a esta, que hoje nasceu, *Scotographia.*

¿Quereis ver por vós mesmos a realisação d'este impossivel?

Tomae uma chapa de prata, bem polida e espelhada; avisinhae-lhe mui perto, e em face, um camapheu, medalha, cornalina, ou qualquer outra escultura ou gravura semelhante. Fechae tudo n'uma caixa bem vedada e n'uma casa bem escura. Passados 10 ou 15 segundos, abri; e achareis retratado na chapa o objecto artistico.

Tal foi a experiencia de Mozer; experiencia que Humboldt refere haver sido em Berlim reiterada efficazmente pelo astrónomo Encke, e Richerson. Esta operação sai ainda muito melhor, quando os objectos estão em

perfeito contacto, segundo, por muitas experiencias, tem confirmado o illustre philosopho de Königsberg, o inventor ou descobridor da Scotographia, Herz Mozer, que publicou sobre o assumpto uma interessante memoria em allemão, cheia, segundo consta, de ricas observações.

(*Rev. Univ.*)

XXXI

Calote pregado ao diabo por um Guarda Municipal

(Setembro de 1842)

Seis mezes ha, que um soldado da 1.ª Companhia da Guarda Municipal, por nome Samuel Fortunato, e por alcunha «O Judeu», se via entrar, quotidianamente, em casa ora do Thesoireiro, ora do Parocho, do Sacramento; d'onde, passado largo espaço, recolhia grave e pensativo. O seu comportamento, que nunca fôra escandaloso, havia-se tornado n'estes seis mezes cada vez mais concertado; e já, quasi, entre seus camaradas o apódo de *Judeu* se lhe ia convertendo no de *Beato*.

¿Qual fôra porém o principio, qual era a natureza e o fim d'estas visitas mysteriosas?

Filho e parente de Israelitas aferrados á sua Religião, Samuel era Israelita. Posto que de Tanger, onde recebêra a vida e a circumcisão, a sua estrella vagabunda o houvesse conduzido, havia annos, a viver e militar entre Christãos e em Portugal, conservára comtudo, se não a prática do culto, pelo menos as crenças hereditarias. Não se ia baloiçar, nem psalmear na sinagoga; não deixava de comer a carne mal sangrada; mas

esperava tranquillamente, sobre a tarimba do seu quartel, pela chegada do Messias. Ao sabbado pesava lhe de não participar do repoiso das doze tribus; mas ao Domingo ia na fórma, com os seus camaradas, ouvir a Missa da freguezia.

Sabedores d'esta especie de profanação do santo Sacrificio, os Rev[dos] Parocho e Thesoireiro dirigem-se ao Capitão da Companhia, o snr. Barrote, o qual lhes promette fazer cessar a causa de suas queixas.

Era assaz para a decencia pública; era pouco para a caridosa consciencia dos Ecclesiasticos: não bastava afastar da egreja um infiel; urgia reconduzil o a ella convertido. O benemerito Official lhes dá ainda a mão n'este segundo empenho Esperançado nos bons effeitos do zelo e sabedoria de ambos os Ecclesiasticos, envia-lhes Samuel.

Contar por que difficies passos, logo desde a primeira visita, procedeu e se perfez a conversão e doutrina completa do cathecúmeno, fôra obra tão curiosa como util; mas descabe, por sua extensão no papel onde escrevemos.

Já finalmente o fruto da Arvore da sciencia estava colhido; era chegada a sasão de se n ella enxertar a Arvore da vida.

A 5 do corrente, o magnifico templo do Santissimo Sacramento d'esta cidade achava-se apinhado até fóra das portas, e grande espaço da calçada, com pessoas de ambos os sexos, e de todas as jerarchias, que, attrahidas da fama, acudiam a presenciar com avidez o Baptismo do soldado

O corpo da egreja, o côro, as tribunas,

as capellas, o baptisterio, tudo estava chumbando. Fileiras de damas da maior elegancia se viam de pé sobre as teias e balaustradas, realçando por sua formosura, e pelo desabrochado contentamento de seus semblantes, o interesse d'aquelle insólito espectaculo.

Quadro era, não menos delicioso para os olhos, do que para o coração e para o entendimento.

Não sabemos coisa de mais bella sublimidade, nem verdadeiramente mais tocante, do que é a força, a gloria, a altiveza militar, que em nenhuma parte da terra, que em nenhuma circumstancia da vida, se abnega, humilhando se voluntariamente na casa do Deus de paz, e venerando de joelhos aos ministros do Altar, a esses velhos só armados de mansidão, a esses desenganados, a quem todas as maiores pompas mundanas só devem parecer escuridão, vaidade, e miseria.

Nenhuns hymnos terrestres... (se a rasão severa o não diz, a phantasia pelo menos o cuida no seu enthusiasmo) nenhuns hymnos terrestres devem retinir mais agradavelmente aos pés do Throno do Altissimo, do que as homenagens, que um numeroso Corpo armado lhe rende sob as abóbadas santas, pela voz guerreira e estrondosa de cem instrumentos, fundidos para proclamar as batalhas e os assaltos, as victorias e os triumphos. Tal foi em grande parte o caracter d'esta solemnidade.

Toda a 1.ª Companhia de infantes da Guarda Municipal, em grande uniforme, com o seu Capitão á frente, tres soldados de cada

uma das outras, de ambas as armas, de pé e de cavallo, o Commandante o snr D Carlos de Mascarenhas, e muita outra Officialidade, acompanhavam, com toda a brilhante banda da musica municipal, ao seu camarada, até á fonte das aguas vivas da regeneração.

De soldados se compunham as alas, que ao longo da egreja guarneciam a passagem da ceremonia, resplandecendo em suas mãos tochas acezas. Excellente musica de capella, assim vocal como instrumental (gratuita, como tudo que ahi concorreu), ajudava a devoção do acto. A numerosa Confraria do Santissimo, toda presente, o alegrava com as suas purpuras. Uma copiosissima Cleresia lhe acrescentava a gravidade. A louçania das armações, os perfumes do incenso, os repiques dos sinos, o poetisavam De muitos olhos, de quasi todos, corriam lagrimas de ternura.

Concluido o Baptismo, em que foi padrinho o snr. D. Carlos de Mascarenhas, e o snr. Barrote tocou pela madrinha, ao som de uma súbita acclamação triumphal. executada pela musica da Guarda, subiu o neóphyto *Samuel*, já transformado no christão *Carlos*, da porta do templo, com toda a comitiva, para a capella mór. Ahi, collocado á parte da Epistola, entre os padrinhos, e com a véla aceza na mão, escutou devotamente, por entre o maior recolhimento dos circumstantes, uma curta mas eloquente pratica, na qual o douto e religiosissimo Parocho lhe descobriu a enchente de graças, que n'essa hora recebêra, e os novos deveres, que livremente contrahira para toda a vida.

Seguiu-se o Te-Deum com instrumental, e expoz-se o Sacramento.

Terminou a festa, celebrando o mesmo Prior Missa por intenção do neóphyto, alumno seu, e seu verdadeiro filho espiritual.

O Rev.do Padre Thesoireiro, á sahida, restituindo lhe a vela, que para esse fim mandára fazer toda florida, e com muitas invenções de côres e doirados, lhe recommendou que a conservasse, a fim de ter sempre comsigo testemunha, que lhe recordasse as novas e santas obrigações que se imposéra.

Um lauto jantar dado á Companhia no refeitorio do extincto convento do Carmo, pelos snr.s D. Carlos e Barrote, pôz remate ao mais bello dia, que em seus vinte e oito annos de edade haveria gosado o Israelita.

Pressupposeram algumas pessoas, que o amor, ou outros interesses profanos, foram os mais efficazes missionarios d'esta conversão; enganaram-se. Quanto ao amor, assim nol-o affirma quem, por trato mui particular conhece agora a fundo o snr. CARLOS FORTUNATO; e quanto aos interesses de fasenda, nem sequer se pode dizer que tomou o Ceo de graça. Seu pae no Brazil, em Lisboa seus tios, são negociantes grossos, e tão affincados e ateimados na lei de sua criação, que mais depressa lançariam ao mar os seus haveres, do que deixal-os a quem a renunciou.

A adopção do Testamento Novo custou portanto a Samuel alguns tres testamentos futuros, pelo menos.

(Rev. Univ.)

XXXII

Emigração

(Setembro de 1842)

Assim de Portugal como de suas ilhas, continúa a sahir para a America numero grande de mancebos, rapazes, e familias inteiras, a correr fortuna (cuidam elles), mas em realidade a passar trabalhos e amarguras de escravaria.

O desatino d'estes mal aconselhados não só a elles os perde, se não que ameaça progressivo crescimento aos males da Patria; males já hoje tão graves, que filhos seus lhe fogem em cardumes do macio e perfumado regaço, para se irem, sob extranho ceo, suar agua e sangue, morrer de fadigas e saudades.

Se ha lei, ou leis, por onde tal se possa atalhar, que as appliquem rigorosamente. Se não as ha, que as façam. Se as não fazem, as Autoridades que imaginem e ponham por obra todos e quaesquer meios, para cada uma, por sua parte, vedar o passo a esta insensata deserção.

Antes se violem, aqui ou acolá, os principios absolutos da Liberdade, do que se consinta, por não quebrantar theorias, em

deixar esvahir-se de todo uma pobre Nação já tão mortiça e depauperada.

Quando a terra pedir, em vão, braços de cultivadores, as fabricas operarios, os navios marinheiros, e soldados as praças e os castellos, ¿será da pagina das *garantias individuaes* que hão de sahir os maritimos, os pelejadores, os artifices, e os colonos?

Mas, se para tudo isto ha objecções, ou dificuldades, ¿não está ainda por tentar um remedio mui suave, mui pronto, mui facil, mui isento de reprehensões, e provavelmente efficacissimo,—a persuasão?

Commetta o Governo o cuidado de desvendar os olhos do Povo sobre este grave assumpto, por uma parte aos jornalistas, por outra aos pastores espirituaes.

A cadeira da verdade era antigamente o unico oraculo das turbas. Grande porção d'ellas desertou d'esse oraculo para o que de novo se fundou sob o nome de *Imprensa*. O que a *homilia* perdeu de ouvintes, o *artigo de fundo* o ganhou.

Pregue-se pois aos Portuguezes ignorantes, famintos, e allucinados por vans promessas de estrangeiros, pregue se-lhes pelo escrito e pela palavra, nas cidades e nos campos, mundana e religiosamente, em nome da Patria e em nome da Religião, o amor da terra natal; a fé na Providencia; a esperança no progresso, vagaroso mas certo, das coisas; a caridade natural, que obriga o homem a amar a si, e aos seus, e á casa, e á terra do nascimento; a vaidade da maior parte das promessas; o amargor de remorsos tardios; o desconsôlo de acabar

entre desconhecidos, de jazer em terra que nenhuma lagrima vai humedecer; e, como estas, mil outras verdades, demasiadamente verdadeiras.

Para viver não basta o pão; ha se mistér da palavra de Deus, diz o Evangelho: e ha-se tambem mistér da Patria, diz a philosophia, e a experiencia.

E tudo isto, e até muitas vezes o pão, com cuja amostra de longe o engodaram, vem a faltar ao *escravo branco*, que, não vendido por outrem, se não por si mesmo, se arremessa das boas terras portuguezas para sertões indómitos; e do seu mundo conhecido e sabido, para outro mundo, que nunca para elle ha-de ser ceo.

(*Rev. Univ.*)

XXXIII

Parvo no genero trágico

(Setembro de 1842)

Era Manuel de Moraes um abastado proprietario de Passaios, no concelho de Valpassos, bem aparentado, com amigos, e solteiro. Nenhuma das condições externas de felicidade lhe faltava; mas. . ¡ quem sabe o que vai lá por dentro de cada homem, e o que o diabo a occultas lhe segréda!

Havia tempos (tem-se agora descoberto pela combinação de certas palavras, e passagens, de que então se não fazia caso), havia, repetimos, alguns tempos, que o damnado pensamento do suicidio o trabalhava. Este pensamento, consentido, veio ultimamente, a 9 de Julho, a tornar-se tenção formal.

Queima todos os seus papeis e contas, como primeiro passo para romper com o mundo; convida a se banquetearem com elle todos seus parentes e amigos; ao cabo do festim diz que não sabe para que são tantas iguarias e fartura, para uma coisa tão curta e insignificante como é a vida; levanta-se disfarçadamente; volta com uma espingarda; e, antes de dar tempo a que lhe ata-

lhem ou lhe adivinhem a determinação, mette a bôcca da arma na sua, e desengatilha-a com uma bengala. O corpo cahiu logo sem vida; os miólos voaram ao estuque do tecto. Da alma... ¿quem dirá o que foi feito?

O nosso correspondente, o snr. J. M. G. P., na religiosa e eloquente carta, em que nos dá conta d'este successo, demora-se em moralisar profundamente o suicidio. De bom grado a publicáramos aqui, se os louvores, que n'ella tão desmesuradamente se conferem á nossa *Revista*, nos não atassem as mãos. Contentar-nos hemos com a transcripção do seguinte paragrapho:

«Se antigos povos pagãos, como os Egypcios, não admittiam os mortos ao asylo sagrado da sepultura, sem haverem passado por um rigoroso tribunal de averiguação, o qual, segundo fôra em vida o seu proceder, os privava das honras pósthumas, ou os deixava correr gloriosamente ao seu Elysio; e se outro Povo, o Povo de Deus, tomou este uso maravilhoso; ¿por que não ha-de semelhantemente a caridade christan abrir devassa contra mortos, que, renegados do pensamento de quem lhes dera o ser, desquitados da terra que os nutria, dos seus semelhantes, com quem mil vinculos de mutuos beneficios e esperanças os ligavam, do proprio corpo e sentidos, de quem e por quem tantos praseres lhes tinham vindo, e lhes podiam ainda vir, se arremessam ao irreparavel attentado do suicidio, doirando talvez, de antemão, na sua phantasia, a ideia da morte, com a da sympathia e lagrimas alheias? ¿Quem não concordará n'esta parte com o voto já alta-

mente proclamado pelos redactores da *Revista Universal?* ¿Quem não pedirá á lei humana, até hoje neutra e impassivel em tão grave materia, que se levante, com o raio na mão, para fulminar tal cadaver, e destruir para o futuro tão sacrílegas esperanças? Se o suicidio offende, e muito, e por mais de um modo, a sociedade, ¿por que não hade a sociedade procurar, por meio de castigos, rareal-o?»

Recommendamos novamente este ponto aos Legisladores. Serviço grande fará aquelle que o proposer.

Um projecto de Lei n'este caso é facil de conceber e de redigir, e facillimo de sustentar e vencer. porque nenhuma voz, nem no Governo, nem no Parlamento, nem na Imprensa, nem nas Academias, nem nas praças. nem nas familias, nem em parte alguma, o impugnará. As bençãos ahi serão unânimes.

(*Rev. Univ.*)

XXXIV

Circo sem espectadores

(Setembro de 1842)

Em um dos ultimos dias do passado Julho, ás horas de Trindades, no Concelho de Azeitão, e sitio da Ribeira de Negreiros, na quinta do snr. Agostinho Barreto de Oliveira, um homem de trabalho da Aldeia-de Irmãos da mesma villa, por nome Agostinho, recolhia do serviço da semana, no sabbado, com um filho pequeno, de edade de seis annos, montados ambos em um jumento.

Passavam por entre uma valla e um moinho de agua deshabitado, quando um cãosinho, que em sua companhia levavam, e lhes ia a diante, pres-entido de lobo refoge, e vem metter-se debaixo do jumento, e á sombra de seu dono. Fez estranheza o successo, mas logo se aclarou, sahindo e crescendo contra elles um bruto e desconformissimo lobo.

Soccorreu-se o velho ao que, para taes conflictos, costuma ser primeira arma, que é o apupar; é industria proveitosa, mas sahiu baldada.

Vendo que a batalha se não excusava, e que já o inimigo lhe vinha em cima, faz co-

ração; derriba-se com o rapaz para o lado contrario ao do lobo; e, com o burro em meio por trincheira, e vendo a fera empinada para a galgar, com um rijo bordão ferrado lhe desanda na cabeça uma valente despedida. Era assalto medonho; porém mais medonha foi a luta que logo seguiu.

Travados a braços os desegualissimos contendores, em pé, e encorporados, se andam ambos baloiçando por alguns minutos. Já sacudido pelo focinho do animal saltou fora o chapeo da cabeça ao velho. Já os seus hombros e braços esmo daçados escorrem sangue. Já a sua voz, que não cessa de bradar por soccorro, principia a enrouquecer e tapar-se. Mas a dor, e o perigo mais do filho do que de si mesmo, lhe conserva e melhora continuamente os brios. Consegue emfim, ou por força ou por dextreza, ou por ambas estas coisas juntas, prostrar a fera sem a largar, e ficar sobre ella, assoberbando-a com o seu pezo, segurando-a pelas orelhas, e senhoreando lhe assim em parte os movimentos...

Era só afastar a morte por algum tempo; era prolongar a agonia, porque aos gritos do pae e do filho nenhum soccorro se via assomar, no calado e cada vez mais escuro deserto que os rodeava.

Ficava logo necessario aproveitar, até o ultimo, todos os debeis recursos da conjunctura. Em quanto as forças do cançado athleta se empregavam todas n'aquella espantosa lide, o seu espirito improvisava auxiliares, e novos meios de guerra.

Sem cessar de combater, ordena á creancinha que tome do chão o páu, que dê com

elle pela cabeça do lobo, e, em lhe vendo abrir a bôcca, lh'o mergulhe com quanta mais força possa pelas guellas; e assim se executou; ¿mas que podiam uns bracinhos de seis annos, senão exasperar as furias do commum inimigo?

Então occorre ao pae, que traz na algibeira uma navalha; manda-lhe que a tire a toda a pressa, que lh'a abra, que lh'a dê á mão. Senhor do ferro, que empunha com a esquerda, agarrando só com a direita nas orelhas do lobo, crava lh'a no pescoço.

Eram um pae, e um filho: podia tardar, mas não podia faltar, a Providencia. Atrahido pelos brados, que não descontinuavam, acode o snr. Oliveira; vê debaixo do velho o monstro, ainda inteiro de forças; arruma-lhe aos peitos a bocca de uma espingarda, e dispara.

Só então, acabada a vida, cessou este de lacerar com os dentes e unhas as pernas, os braços, e todo o corpo do seu vencedor; o qual, por trophêo, conserva em sua casa o bordão, todo, até o proprio castão de ferro, varado dos dois dentes, e a ferina pelle empalhada, que ainda agora, por sua enormidade, amedronta aos que a contemplam. Tem dos pés trazeiros até ao fucinho, nove palmos.

(*Rev. Univ.*)

XXXV

Sina triste de um Bemaventurado

(Setembro de 1842)

Na antiga villa de Ourém, que pouco mais é, ao presente, do que uma ruina, com o seu castello historico e um appellido sonóro, festejava-se, ha cinco ou mais annos, uma devota Imagem de S. Bento Pertencêra ella á casa e quinta de S. Gens, dos herdeiros do snr. Trigoso; onde, mais por desleixo, que por irreligiosidade do feitor, jazia afogada em pó, coberta de palha e teias de aranha.

Um devoto, a quem doêra o coração de assim a ver, pedida e alcançada licença do feitor, a trouxera para a capella de Santo Amaro, suburbios da mesma villa, onde lhe fundára um culto annual.

Era a capella estreita para tamanho hóspede; e, para os obsequios que de anno para anno iam crescendo, acanhadissima. Pareceu bem trasladal o em cada um anno, e na manhan do seu proprio dia para o Templo Real e Insigne Collegiada da villa; aposental o ahi sobre um altar mais nobre, para assistir á festa; e, concluida ella, recolhel o outra vez á capellinha do seu hospedeiro Santo Amaro.

Um ou dois annos correram as coisas por esta boa ordem.

O feitor, como aquelles namorados inconstantes, que, vendo por outrem cortejado o objecto de que já não faziam conta, passam da inveja ao ciume, e do ciume outra vez ao amor, determinou reivindicar a Imagem para a sua primitiva poisada de S. Gens. Tinha por si o direito, pois que a Imagem só fôra emprestada. Escandalisava-se porém o povo de uma veleidade tão sem fundamento; dando por um genero de desacato, que da estimação e cultos presentes se houvesse o bom do Santo de desterrar para o jazigo o entulho, de que por milagre se vira escapo.

Acudiu-se a empenhos; achou-se pessoa para o snr. Trigoso, que ainda então vivia; conseguiu-se d'elle que désse a Imagem aos seus devotos; e tudo continuou no mesmo bom termo, passando o Santo o seu dia no templo, e na capella o restante do anno

Deputára-se n'este de 1842 o ultimo Domingo de Julho para a solemnidade. Quizeram, o Juiz e mais festeiros da villa, que o Santo fosse conduzido para a egreja da Collegiada na véspera, contra o costume; oppôz-se a visinhança de Santo Amaro, suspeitando na novidade alguma traça occulta para usurpação; e venceram: o Santo sahiu para a festa no Domingo pela manhan.

Procederam todas as coisas na egreja, como era de estylo, não se manifestando entre os festeiros da villa e os do arrabalde de Santo Amaro ressábio algum da precedente altercação.

Chega a hora da retirada; mettem hom-

bros ao andor os interessados em se conservar a posse dos mais annos; oppõem-se-lhes os outros, contendendo que só partirá na segunda feira; disputa-se tumultuariamente; allegam uns a posse originária; redargúem outros, que o andor e alfaias lhes pertencem; cresce a confusão na capella mór; os de Santo Amaro, por destruir o argumento de seus contendores, despojam o Santo de todas as galas emprestadas; os da villa se embravecem ainda mais com este arrôjo; uns lhe lançam os braços para o arrebatar; os outros, para o reter.

Algumas pessoas mais autorisadas levantam as vozes, e serenam por algum espaço o tumulto; mas este logo apóz recresce com mais impeto. Aos impropérios succedem as ameaças; ás ameaças, as pancadas; a egreja é um campo de batalha; o proprio alvo dos desejos de todos é por todos derrubado e atropelado; a casa de Deus está convertida... em casa de orates. Vencem finalmente os innovadores: S. Bento, mal ferido da batalha, e com seis dedos quebrados, fica para pernoitar.

Na seguinte manhan, declarou o Prior que o Santo havia de voltar para a sua capella; mas n'esse mesmo dia, ou no outro, quando se abriram as portas para a primeira Missa, achou-se, com espanto, que faltava a Imagem...

Quem fosse o raptor, ainda até hoje se não descobriu; nem as autoridades (segundo parece) o teem procurado.

As velhas, nos seus conventículos, aonde ninguem as ouve, affirmam, e teem por de

Fé, que o Bemaventurado, offendido com os brutos amores d'estes seus devotos de Ourem, e pouco resolvido a tornar a ser martyr tantos séculos depois da morte, abalára da terra para nunca mais lá voltar.

(*Rev. Univ.*)

XXXVI

Uma Camara Municipal que se não corre de antiquária

(Setembro de 1842)

A Exma Camara Municipal de Lisboa, nos dias 9 e 10 do corrente, celebrou, e como nunca, o Officio e Missa de musica vocal e instrumental, que por alma da Infanta D. Sancha pertencia ás obrigações do Senado, o qual o ia executar no convento de S. Francisco da Cidade, como administrador dos bens ao Municipio legados pela mesma Infanta; encargo, a que desde 1833 se não satisfazia.

A mesma Camara requereu á competente Autoridade ecclesiastica o ser absolvida do não cumprimento de taes deveres nos precedentes annos.

¡Oxalá que as Camaras futuras tomem o honrado exemplo de cumprir os votos a que a Cidade se obrigou!

Discutir dividas historicas para as não pagar; fazer se *philosopho*, para, por propria autoridade de sua *philosophia*, se eximir aos onus; será muito commodo, terá muitas autoridades e exemplos em seu abono, mas nem por isso inculca a maior probidade.

Insistimos, e insistiremos sempre, em semelhantes pontos, por duas rasões, ambas para nós de grande pezo:

1.ª—porque da conservação d'estas antigualhas se nos aviva o fecundo amor da nossa terra;

2.ª—porque os deveres, quaesquer que sejam a sua origem e natureza, nunca deixam de ser deveres: e tristissima coisa é receber o Povo exemplos de despontualidade e desleixo, da parte dos que estão levantados por seus cabeças.

(*Rev. Univ.*)

XXXVII

Um novo desar nos ameaça

(Setembro de 1842)

Corre ha dias por Lisboa, que S. E. o snr. Silvestre Pinheiro Ferreira tenciona retirar-se novamente para París; e acrescenta-se que a rasão que o fórça a dizer talvez o ultimo adeus á sua Patria, é o não encontrar n'ella a subsistencia, que em França, ou em qualquer outro paiz estrangeiro, lhe estão assegurando os seus profundos conhecimentos, a sua reconhecida aptidão para o magisterio.

Ignoramos se haverá fundamentos para o boato. A Deus praza (por honra nacional) que, a ser isto assim, o Governo se apresse a destruir motivo tão vergonhoso, offerecendo ao illustre Sabio algum logar digno da sua cathegoria social, e da sua cathegoria scientifica.

¿Que melhor occasião haveria do que esta, para a criação de um novo e tão necessario Ministerio, o da Instrucção publica?

(Rev. Univ.)

XXXVIII

Pasquim luminoso

(Setembro de 1842)

Angra do Heroismo, a formosa capital da nossa Ilha Terceira, dizem seus jornaes que physica e intellectualmente se vai pondo ás escuras: mingúa-lhe a instrucção primaria; faltam-lhe de noite pelas ruas os candieiros.

Ao primeiro, ao mais grave d'estes males, diligenceia (e conseguirá talvez) dar remedio o benemerito Governador Civil d'aquelle Districto; o segundo, porém, se elle procede, como se affirma, da pobreza do Municipio, difficultosamente logrará cura.

Um caso, que fez rir muito, ao mesmo passo que não deixou de suscitar algumas censuras, foi um mudo mas claro epigramma contra este anachronismo de uma Camara do quadragesimo segundo anno do «seculo das luzes».

Eram 9 horas da noite de 11 do passado Agosto. A lua, que atrahira numerosos ranchos a passeio, acabava de se esconder por de traz da alta serra de Santa Barbara. Recolhiam-se perguiçosamente para suas poisadas os moradores, respirando a briza fresca e namorada dos serões de um estio insulano; quando, como por encantamento, a cidade, d'onde a illuminação (para nos servirmos da chistosa phrase do *Angrense*) andava emigrada desde 12 do ultimo Junho, appareceu

novamente illuminada, sendo de papel os candieiros, que dos ganchos, até ali viuvos, pendiam embalançando se. Se esta illuminação era um claro epigramma, não foi menos um enigma. A invenção d'esta caritativa malicia, que alguem attribuiu ao Redactor do *Angrense*, ainda agora permanece anonyma.

Um correspondente do mesmo jornal procura consolar os seus conterraneos de passarem as noites nas trevas, contando-lhes que o mesmo, ou pouco menos, vai tambem nas ruas da grande Lisboa. Custa nos a confessar que um tal argumento, consolatorio para os de Angra, é muito tristemente verdadeiro da meia noite em diante. A pobreza assemelha-se á Morte, da Ode de Horacio: piza com egual pé os lampiões de Angra, e os da torreada Capital do Reino.

Nem para isto, nem para obra alguma boa, escaceia, nem escaceará nunca, vontade á nossa mui distinta Camara Municipal; mas os seus meios (não sejamos censores apostados) são hoje nullos em comparação de seus encargos; e nem as baleias, nem as oliveiras, mandam o seu azeite a quem só com posturas o poderia pagar.

Tenhâmos fé no gaz lucífero. Se, vendido por atacado, o seu preço (segundo se espera) ceder tanto ao do azeite, quanto á luz do azeite excede a sua em claridade, Angra poderá ver de novo as suas ruas illuminadas; ou se, por alguma sina particular, permanecer ás escuras, temos fé em que não será já com o exemplo de Lisboa que a possam consolar.

(*Rev. Univ.*)

XXXIX

Argumentos vivos a favor da pena capital

(Setembro de 1842)

(Artigo que só homens deverão ler)

Temos de escrever coisas horrorosas, mas verdadeiras. Da mui fidedigna carta que nol-as refere, as vamos tomar com toda a pontualidade.

Requeria-nos o coração, que as sonegassemos; grita-nos mais alto o discurso, que não escondâmos aos medicos nenhuma das chagas do corpo social. Todas ellas são cancerosas; se com o ferro e fogo se não extirpam, todas ellas, tarde ou cedo, lhe ameaçam morte.

O mais que podemos, e faremos, será, por livrar de abalos sobejo violentos os corações mui sensiveis e as consciencias melindrosas, decotar (quanto possivel) em nossas narrações o luxo das atrocidades, cobrir as luzes por extremo vivas, enfraquecer, de industria, o effeito dos nossos quadros.

*

Em Moimenta da Beira está aberta a sala das audiencias para um grande processo cri-

me. Quantia immensa de povo a enche, e a cérca por fora até grande distancia. O Magistrado, os juizes de facto, as testemunhas, os escrivães, os guardas, e todos os demais empregados da Justiça, delatam por seus semblantes o assombramento, que, não menos que ao auditorio, os senhoreia.

Tres homens façanhosos, cujos nomes aterram largamente a Provincia, pejam o banco dos accusados, e aguardam com almas de ferro a fulminante accusação do Ministerio publico, e a sentença, que sua propria consciencia lhes prophetisa. Chamam se estes homens: o primeiro, Manuel Pires, por alcunha *o Ruço*, natural da villa da Rua, de profissão carniceiro; o segundo, Nuno da Silva, da Vide; o terceiro, Luiz Minhoto, do Prado.

Ruço é o cabeça de uma quadrilha de malfeitores, de que os outros dois são os principaes braços.

Vai começar a sessão, que tem de durar por tres dias, sem noite. Ao sussurro succede o silencio mais profundo; ninguem ousa de respirar; nada mais se ouve, do que a penna, que sobre o papel, ainda branco, mas condemnado a sahir cheio das mais inauditas feridades, lavra o dia do mez e anno da Redempção, em que taes horrores vão ser patentes e julgados. Era temerosa, era sublime aquella mudez.

Um acontecimento imprevisto a vem quebrar ao começo da leitura dos autos: cinco orfãosinhos, pallidos, vestidos de luto, debulhados em muitas lagrimas, rompem pela sala, dando em altos gritos a voz d'el-Rei,

e pedindo entre soluços vingança do sangue de seu pae, de sua mãe, de seus irmãos, de sua tia, cruamente assassinados pelos monstros ahi presentes. Não houve senão tres homens, cujos olhos se não arrazassem de agua n'este lance. O integérrimo Juiz, enxugando os seus, e voltando-se humanamente para os pobres innocentinhos, lhes rogou se quietassem, afiançando-lhes que justiça lhes sería feita, justiça cabal e inexoravel; apóz o que, logo o processo retomou seu andamento pausado e majestoso.

*

Nós vamos colher dos depoimentos das testemunhas, e da fama e publica notoriedade no Districto, com que organisar um succinto resumo da biographia d'estes tres tigres de face humana.

*

Era o magarefe Manuel Pires, Ruço, o mais possante capitão de bandidos d'aquelles contornos. O terror, que a fama de seus crimes diffundia, lhe augmentava de contínuo ousadia e seguro para crimes novos. Furtos, roubos, espancamentos, eram já venialidades para a gente do seu troço. Forçamentos, adulterios, desflorações, estupros, homicidios, e sacrilegios, encorpavam de dia para dia os seus fastos.

....

Mal podem soffrer os potentados quem lhes faça sombra. Ruço tinha um rival, posto que inferior em forças, em partidarios, em

nomeada; era Joaquim de Almeida. Conviviam, mas detestavam se.

Almeida era casado. Candida, sua mulher, deu nos olhos ao principe dos facinorosos, que para logo determinou possuil-a. Foi o primeiro acto de Lucrécia pintado em ponto pequeno, e a carvão.

Candida succumbiu ao medo, e foi adultera.

—¡Resistir-lhe!?—disse ella perante o jury —¿Como ousaria eu o que muitas outras casadas não ousaram? O que tantos maridos haviam já, antes do meu, dissimulado por medo á morte, ¿quem podia livrar o meu de o padecer?

*

Um fruto, que d'este infame commercio resultou, deu occasião para se descobrir ainda mais a alma tenebrosa do scelerado: defendeu este á pobre mãe, sob as mais acerbas penas, o Baptismo do seu proprio filho, ameaçando-a, em caso de contravenção, com a morte do Padre que lh'o ministrasse, e de quem lhe servisse de padrinho; o que forçou a desconsolada mulher a o não baptisar senão com o maior segredo, tomando por madrinha a criada de uma senhora a quem o facinoroso respeitava; e por padrinho a um Santo, por não haver homem vivo que a tamanha aventura se arriscasse.

*

Em quanto assim Manuel Pires afrontava quotidianamente a casa do ladrão Almeida,

proseguia nas horas vagas os seus exercicios do costume; e os loiros que por lá colhia, os vinha vangloriosamente depôr aos pés da sua conquistada.

Ella mesma publíca havel o ouvido jactar-se, de ter sido n'esse praso o autor de varios latrocinios de maior vulto, taes como os da quinta do Ferro, da quinta dos Alamos, do Sarzedo, de Padrinha, do roubo e assassinio de Sarmento Rodrigo, a quem por sua mão abrira a cabeça com um machado, e de outras proezas semelhantes e innumeraveis.

Querendo mostrar-se generoso para com o seu rival, Ruço um dia o convida a tomar com elle parte em uma expedição de que espera grande despôjo: o roubo de uns bahus de prata do convento de Freixinha. Almeida recusa desabridamente a parceria.

Ruço, mal costumado aos repúdios, e peor ainda ás altivezas, enfurece-se; trocam-se de parte a parte injurias. Romperam-se as mal fingidas pazes.

Confiado na superioridade de sua pessoa e bando, Ruço contenta-se de continuar, sem resguardo, o seu adultero commercio. O alardo torna a injuria mais pungente, e provoca as ameaças do mais fraco. O mais forte, para lhes pôr termo, e lograr-se desassombradamente dos seus amores, só aguarda ensejo proprio para este novo homicidio.

*

Almeida determina, por via de uma cilada, descartar-se para sempre do seu importuno deshonrador.

Pouco audaz para se abalançar por si mesmo ao ingreme de tal facção, e sentindo a impossibilidade de o vencer em batalha, commette a um de seus apaniguados a morte do seu por tres modos rival: rival nos praseres, rival na fama, rival tambem, e sobre tudo, nos roubos. E' Leandro Gomes o seu escolhido.

Carrega a espingarda; sai em procura do javali; encontra-o junto á aldeia do Prado; aponta-lhe de longe, dispara, erra o tiro, e foge; mas não tão ligeiramente, que não fosse primeiro conhecido.

Ruço jurou vingar-se; é o unico dos juramentos a que não sabe faltar.

Agora é elle quem parte á caça de Leandro.

Vai acompanhado de seus dois fieis, Silva e Minhoto. Encontram-n-o junto ao logar de Carapita; desfecham em descarga cerrada, e dão com elle em terra morto.

Não pára aqui.

Cortam as orelhas ao cadaver. Nuno, por ordem do seu maioral, parte a leval-as á mãe da sua victima. Entra; arremeça-lh'as á cara, dizendo:

—Ahi tem as orelhas de seu filho; regale-se com ellas, que são delicadas.

Deixando a pobre velha (Joanna de Castro se chamava) semi-morta e estendida por terra, retoma as fataes orelhas, e corre á residencia do Parocho. Não o acha; vôa a encontral-o em casa do Cura.

—¿Quereis ver umas reliquias mui devotas que trago de Roma?

Respondem-lhe que sim os Ecclesiasticos,

balbuciando de pavor. O malvado lhes presenta os dois fragmentos ensanguentados, acrescentando que os vai mandar encastoar.

*

Ainda porém a sêde de vingança se não aplacou. Toda a familia de Leandro tem de passar pelo ferro do capitão.

Já Gabriel Gomes, seu irmão, jáz assassinado.

E' noite. Ruço entra á frente da sua companhia pela povoação, espancando, segundo o seu costume, a quanto encontra. Vai bater á porta de Joanna de Castro; diz-se cabo-de-policia; intima lhe que abra, para receber de boleto a tres soldados de um destacamento, que da cidade de Almeida acaba de chegar. Apenas entrado, crava um punhal n'aquella mesma a quem já despojára de dois filhos. Aos gritos d'ella, acode de dentro o marido, Luiz Gomes. O mesmo ferro ainda quente, e vibrado pela mesma mão, o prostra sem vida.

...Joanna, tornada em si (não fôra mortal o golpe), e achando-se de repente viuva, sem nenhum de seus dois filhos homens para arrimo de sua velhice, e rodeada de um bando de cinco innocentinhos, que não teem já na terra outra Providencia mais do que ella, procura, se lhe fôr possivel, prolongar para elles o seu incerto, o seu amargosissimo existir.

Mas o nome terrivel do assassino está velando ao-pé de sua victima, para que ninguem lhe acuda. Pessoa nenhuma, em toda

a visinhança, ousa de ir pensar-lhe a ferida, levar-lhe soccorros ou lagrimas; porque a sua desgraça é contagiosa; e o braço que a derribou, não tardará em esmagar a todo o que pretenda levantal-a.

Só uma parenta sua não duvída cerrar os ouvidos a um terror, que (logo se verá) não era sem fundamento; ir servir-lhe de enfermeira, de serva, de consoladora, e (o que mais, e sobre tudo, lhe era mister) de mãe extremosissima de seus filhos.

Em memoria deve ficar para a posteridade o nome d'esta mulher generosa. Chamava-se CONSTANCIA DE JESUS.

*

Poucos dias são decorridos.

Ruço, informado do que passa, volta de noite com alguns dos seus á povoação. Não podendo conseguir que lhe abram a porta, fórça a casa pelo telhado. Entram.

As duas mulheres, apesar do disfarce dos bandidos, logo no primeiro relance os conheceram. Do sobrado, onde jazem as crianças adormecidas, descem fugindo atropelladamente para a loja. O malfeitor, apertando na direita um cutello, e na esquerda um archote, que o Minhoto, de cima do telhado lhe arremeçou para dentro acezo, desce traz ellas, encontra-as de joelhos, de mãos postas, ¡pedindo-lhe a vida! ¡a vida! não com palavras, que o terror lh'as congelava na garganta, mas com os olhos, com a postura, e com o espavorido de seus rostos. ¡E ambas estas mulheres cahiram immoladas!...

Assim, de toda uma familia só escaparam os cinco pobresinhos, que a Providencia guardava como anjos de vingança, para no dia do julgamento virem depôr com seus chóros contra os demonios homicidas.

*

Até aqui pouco mais temos visto, do que algumas das façanhas do carniceiro. Para acabarmos de o conhecer, lancemos de relance os olhos ás outras duas figuras, que ahi estão, junto d'elle, infamando o banco dos criminosos.

*

Nuno da Silva não é só um instrumento fiel da perversidade do seu cabo: tem uma historia á parte; pode alardear glorias suas.

O que Ruço é para com elle, já elle o foi para com Domingos Thomé, magarefe do Taboaço, e personagem tambem célebre por malvadez.

.... [1]

*

Luiz Minhoto, posto que socio, era com-

[1] Vemo-nos forçados a supprimir aqui um paragrapho. As torpezas são de tal ordem, que o prelo de hoje não as admitte. O que em 1842, no calor da indignação, e obrigado do dever de cauterisar com ferro em braza uma pústula social, Castilho teve de escrever no seu jornal civilisador, repugna a ouvidos e olhos do seculo xx. Por mais que o desejemos, é-nos impossivel copiar esse trecho. A pena, a mão, os olhos, indignam-se e refogem.

Os Editores.

tudo o mínimo d'estes tres gigantes de impiedade. A sua presença ali parecia posta para os realçar.

Perpetrára flagicios, e espantosos, mas induzido, mas forçado por elles ambos; disse-o, repetiu-o, e por nenhum foi desmentido.

Ali... provocava uma especie de sympathia, elle, que em qualquer outra parte passaria, sem custo, por um malvado abominoso.

*

Por tres dias, com suas noites, durou este processo, sem que, nem os obrigados pela Lei, nem os atrahidos por uma justa curiosidade, desamparassem o tribunal.

O Accusador público foi energico e sublime; as testemunhas, claras e unânimes; os jurados, circumspectos e imparciaes; o Juiz, valoroso, sabio, justiceiro.

Todas as machinas dispostas por Manuel Pires para salvar a sua cabeça, se viram recahir-lhe sobre ella despedaçadas a roda e roda. Appareceram as promessas, appareceram as ameaças ás testemunhas, appareceram as peitas propostas ás Justiças, appareceu (e essa carta, a requerimento do Delegado lá ficou appensa aos autos) o offerecimento de pesar a oiro a consciencia do Magistrado.

A Manuel Pires, o Ruço, magarefe da villa da Rua, e a Nuno da Silva, do logar de Vide, serão cortadas pelo algoz as mãos e a cabeça. Luiz Minhoto, do Prado, irá curtir para Cabo-Verde dezasseis annos de degredo.

E' a esperança o *ultimum moriens*: ainda agora, na Cadeia do Porto, o atroz capitão blazona que possue trinta mil cruzados, e com elles salvará a vida. Mas enganou-o d'esta vez o seu demonio; enganou-o; ha ainda na terra justiça; ha na sociedade o instinto da conservação; e por cima de tudo isto, lá no alto, uma PROVIDENCIA.

(Rev. Univ.)

XL

O tigre das feiras

(Setembro de 1842)

Sob egual rubrica se lê nos *Pobres do Porto* uma narração, que de bôa-mente copiáramos, se nol-o não estivesse prohibindo o seu proprio merecimento.

Sim, pertence a todos a noticia do que já por alguem foi publicado; entendemos porém (e de pouca probidade se ha mistér para o entender) que a forma accidental da exposição, os pensamentos, o estylo, o verniz, que augmentam, e muitas vezes criam, o interesse com que um successo se relê, não podem jamais cahir no dominio público.

A ideia de um homicidio perpetrado é *res nullius;* tome-a, e repita-a, quem quizer; mas a moldura, rica ou pobre, em que um escritor ou jornalista, á custa do seu trabalho encaixilhou essa tal ideia, para que melhor viesse a ferir nos olhos dos leitores, isso é propriedade sua, de que só por consentimento seu, expresso ou tácito, poderá quem não fôr ladrão aproveitar-se.

Taes são os nossos principios, principios inquestionaveis, cuja observancia andamos

ha um anno, e baldadamente, requerendo; principios santos, de que nem uma só vez ainda, nem sequer por desaggravo ou represália, nos desviámos.

E é só pelo respeito que nos elles merecem, que, em vez de adornar aqui a nossa folha com um bello quadro, só daremos um leve esboço do seu assumpto, convidando os curiosos a irem vel-o por inteiro no jornal supra-indicado.

*

Manuel Ribeiro Neto, carniceiro na freguezia de Mouriz, concelho de Paredes, fôra em toda a vida (como seu pae José Ribeiro Neto) turbulento, arruador, e homicida. Era o terror e horror dos arredores, o tigre das feiras, o assombramento e o escandalo das Justiças. Na propria fama dos seus crimes estribava a sua impunidade. Mas, em vindo a hora, um seixinho derruba o Philisteu.

Um tiro emboscado deu com elle em terra moribundo, no caminho para a feira de Baltar, na madrugada de 16 de Junho d'este anno de 1842.

Attribuiu-se a façanha a João do Coelho, moleiro do Penedo, em Paço de Sousa, a quem o Neto, por antecedencias, ameaçára com a morte.

Instaura-se o processo; ha contra o moleiro testemunhas; mas o pae do assassinado não lhe é parte. Não importa: a mão que prostrou o filho, jurou prostrar egualmente ao pae.

João do Coelho, acompanhado de um primo, e por ventura de mais alguem, vai esconder-se em uma cova nas Sete Pedras, estrada de Penafiel para Entre-os-Rios, por onde o seu sentenciado ha-de passar. Estão concertando o como lhe atirarão, e tomarão depois a fuga.

Um homem, que vai passando sem d'elles ser visto, os ouve. Avisado por elle o magarefe, pede ao Regedor que o acompanhe com gente da Policia. Vão-se contra o sitio. Os emboscados, mal descobrem a comitiva, desamparam o posto correndo. Persegue-os a Justiça bradando; acode povo; toma lhes o passo em um caminho estreito um lavrador, fazendo arma de um forcado. O moleiro lhe requer passagem por bons termos; depois com humildade de supplicas; depois lh'a conquista, despenhando-o com um tiro. Mas a demora o havia perdido: é alcançado pela Justiça.

Prezo, e ferido gravemente, levam-n-o para Penafiel, em cuja Cadeia permanece.

«Talvez—diz com profunda philosophia o autor no remate do seu artigo—talvez a enormidade dos seus crimes, o proposito deliberado com que foram praticados, e as circumstancias que possam agravar-lhe a culpa, abafem as vozes da piedade e misericordia, e levem ao patibulo aquelle infeliz. N'esse logar horroroso, e na hora tremenda do espectaculo sanguinario, cruel, e barbarissimo, ¿irá elle expiar só as suas culpas? ¡Infeliz sociedade portugueza! ¡infelizes e durissimos tempos!»

(Rev. Univ.)

XLI

Criação do trigo sem terra, e criação da terra pelo trigo

(Setembro de 1842)

Já por duas vezes falámos das formosas e mui gradas paveias do trigo não semeado em terra, nem em coisa alguma, se não mettido debaixo de palha.

N'um jornal francez de Janeiro d'este anno achamos que o General Barão Hugonet fizera tambem essa experiencia. Lançou por cima de um rochedo em Aveirac (Cantal) uma porção menos má de grãos de trigo; cobriu os de uma polegada de palha, carregada com suas pedras para assentar bem sobre a semente. Os ratos, murganhos, e corvos levaram da semeadura a sua decima *industrial*; mas o remanescente germinou ás mil maravilhas, veio a lume, e pulou com grande pompa, não cedendo vantagem, nenhuma, ás espigas das melhores terras de lavradio.

Tinhamos pedido aos nossos leitores mais curiosos, que fizessem tambem elles a experiencia, e nos participassem o resultado; mas nem a segunda, nem provavelmente a primeira, d'estas nossas rogativas, sahiu até hoje com despacho. Parece que n'esta boa terra de Deus ha mais curiosidade para es-

preitar a vida alheia, do que os segredos da Natureza; e todavia este (como todos) pode, se nos não enganamos, ser em muitos casos prestadio.

Quem possuir gândaras, ou borneiras fechadas e nuas, pode espraiar por cima d'ellas um mar de seáras, e acrescentar, sem nenhuma invasão nem compra, as suas fazendas.

Sabido é como a Natureza costuma metamorphosear, pelo correr dos annos, os pedregaes, os rochedos, e as ruinas mais estéreis, em terrenos productivos: lança-lhes primeiro em cima os musgosinhos; nos seus resíduos semeia os musgos; nos d'estes, as hervinhas; depois, as hervas; depois, os arbustos; depois, as arvores, as selvas, e os mundos vegetaes. Para isso andam as virações, os insectos, as aves, os ventos, e os temporaes, dispersando e permutando, de toda a parte para toda a parte, todos os generos de sementes; que já tambem para isso, e contando com as que se haviam de perder, por cahirem onde não podem germinar, prevenira a cada ente vegetativo com milhares e milhões de germes reproductores.

Se, pois, a camada e camada, se vão pelo rodear dos annos, compondo e levantando novos terrenos, ¿quem não vê que d'estas seáras, assim continuadas, havia de a final provir uma boa dilatação de territorio, e com ella um visivel augmento aos frutos e animaes, e ao homem, que por uns e outros se mantém e se multiplica?

(*Rev. Univ.*)

XLII

Pão mumia

(Setembro de 1842)

A prensa hydraulica, engenho de summa valentia para comprimir, e de que ainda ninguem em Portugal (que nós saibâmos) se tem valído senão para descravar e assetinar as impressões, anda já applicada pelos estrangeiros a um grande numero de serventias.

Na guerra de Hespanha, por exemplo, usaram os Inglezes de apertar com a prensa hydraulica as palhas e fenos para a cavallaria. Com reduzir assim o seu immenso volume, vieram a forrar grandes embaraços e despezas nos transportes.

O que os Inglezes fizeram para o pão dos cavallos, tentaram-n-o agora dois Francezes para o pão da gente.

Metteram entre duas tábuas pães, uns molles, outros cosidos na véspera, e carregaram-n-os com a prensa; sahiram reduzidos á oitava parte de sua altura, e sem nenhuma outra differença.

Examinados, achou-se que, mudando assim de feitio e dimensão, conservavam as côdeas inteiras e illezas, e só o miôlo tinha ganho uma certa apparencia de vidro. Ao tirarem-se, presentavam por fóra um certo

lentor ou humidade, mas que, por si mesma, e em curto espaço, desapparecia.

Este pão, a poucos dias andados, ganha tal seccura e rijeza, que parece de pedra; fica livre de se arruinar; resiste á humidade, á fermentação, e ao bolor.

Um pão d'estes durou perfeito, em casa de um dos inventores, um anno todo; e no fim, sendo examinado pela Academia das Sciencias de París, sahiu approvado unanimemente.

Com um pão d'estes não se entra senão a picão, ou a machado; é exactamente o inverso do milagre que o diabo pedia a Jesu-Christo; mas, em se mergulhando no caldo, ou em agua, dentro em pouco tempo se torna a pedra a fazer pão, com o mesmo volume, côr, gosto, e cheiro, que a principio tivera. Pode servir, como acabado de tirar do forno, e obter dos gastrónomos os applausos que recebêra dos Académicos.

Precioso é este invento para o fornecimento dos navios; para o Commissariado dos exercitos; para as praças de guerra; para o abastecimento dos logares onde por qualquer calamidade cahiu a fome; para as jornadas dos que peregrinam por terras onde falta o necessario; para os casaes e casas de campo, onde se poderia fazer, de uma vez e por atacado, a cosedura para a sopa de todo o anno.

D'esta experiencia do pão, animados pelo bom succedimento, passaram logo a identicas nas batatas, e varios outros generos de comestiveis. Todas sahiram bem, segundo parece.

(*Rev. Univ*).

XLIII

Poços artesianos

(Setembro de 842)

Tomamos o seguinte do *Siècle* de 2 do corrente:

O snr. Degousée acaba de executar em Claye, no predio do snr. Féron, outro poço artesiano, que jorra alguns metros para cima do solo.

Não menos findou outro em Annet em casa do snr. Pèchard.

Em ambos aquelles districtos appareceu a agua na mesma fundura, dando o desconto ás differenças de nivel dos dois terrenos. Tem o primeiro furo 35 metros; o segundo 52 Um levou um mez a fazer; o outro seis semanas.

«Para nós temos — acrescenta o Redactor — que o bom exito a que arribaram todos os poços tentados pelo snr. Legousée no valle da Marne, que já com estes são quatro, decidirá a todos os que possuem fasendas em prados, a adoptarem este excellente methodo de regar.»

¡Outro tanto podessemos nós dizer! mas parece que temos medo de quebrar o nosso voto de pobreza.

A Allemanha, e toda a Europa, furam as suas terras ha já annos, e vêem com satisfação rebentarem aquelles repuchos, que, parecendo de agua, são de prata, de oiro, de existencia, e de alegrias. A mesma China se gosa tambem d'isso ha muitos seculos. Só nós, com as machinas á mão, nos deixamos finar de sede sobre terras aridas, que talvez estão cobrindo ricos mares de agua doce.

Baldou-se, ou suppôz-se baldada, a primeira tentativa artesiana no largo de S. Paulo d'esta cidade. Bastou isso, para em nenhuma outra parte se fazer segunda; e assim se desaproveitaram uma possante machina, a dextreza e pratica dos seus serventes, a sciencia (¡e tamanha sciencia!), a boa-vontade (¡tão provada!) do inspector, que para taes obras tinhamos, e ainda agora temos tanto á mão, o distinto geólogo, o snr. Barão d'Eschwege.

Veremos em que param as famosas tenções e projectos acerca do Alemtejo. Os projectos são exequiveis, são faceis, são facillimos; as tenções, havemol-as por sinceras, por firmes, por energicas; mas.... temos (repetimol-o) temos medo á summa religiosidade do nosso Portugal, em não quebrar, nem consentir que alguem lhe quebre, o seu voto de pobreza.

(*Rev. Univ.*)

XLIV

A festa no Castello de S. Jorge

(Setembro de 1842)

O castello de Lisboa, ou antes a Lisboa velha, a Lisboa romana e moira, teve tres bellos dias de religiosa festa christan, das suas muralhas e portas a dentro. Os bairros mais remotos acudiram lá, como filhos e netos que vão tomar quinhão nos regosijos de uma avó muito querida.

Nunca a solemnidade de Nossa Senhora da Graça passára com tanta pompa, como nos dias 18, 19, e 20 do presente Setembro. A formosura da estação, em sitio d'onde tanto mar e terra se descobre, estava conspirando, com as diligencias dos festeiros, para a satisfação que geralmente se experimentava.

A illuminação, que obteve os maiores gabos, foi traça e direcção do Ex.mo Governador, o snr. Pinheiro Furtado. Resplandecia ella, não (segundo o estylo) entre montes de loiros e buxos, mas distribuida com muita novidade e graça, por uma grande e elegante fábrica de madeiras pintadas e doiradas, erecta sobre uma alta plataforma, e dividida em cinco vãos. Eram os das extre-

midades para as duas bandas de musica, a do 2 e a do 12, que os respectivos Commandantes para ali gratuitamente mandaram, para tocar todos os tres dias. No do centro brilhava a Imagem, a que se dirigiam aquelles cultos. Um dos dois intermedios era occupado pelos mordomos; o outro, pelos cargos. O todo produzia o melhor effeito.

Na praça Nova, parada do batalhão 12, onde se estabeleceu o arraial, um alto mastro (chamam-lhe os francezes *de cocagne)* com premios pendentes do tope, mas todo encebado e resvaladío, para quem os pretendesse ir tomar, desafiava as ambições dos rapazes; e os exforços d'estes, repetidas vezes mallogrados, davam sobejo pasto de riso aos espectadores.

Em todos os tres dias não occorreu o mais leve dissabor.

Esta festa deu occasião a muitos milhares de pessoas para presencearem pelos seus olhos os notaveis melhoramentos, que ultimamente se teem feito n'esta parte da cidade, que, se, como obra militar, é hoje completamente inutil, pelo menos como antigualha, Deus sabe se de mais de dois mil annos, é certamente acredora de veneração.

(Rev. Univ.)

XLV

Desastrado incendio rural

(Outubro de 1842)

O Snr. J. J. da Silva nos relata miudamente o incendio da tapada de Nogueira, a par da villa de Mogadoiro em Traz-os-Montes. A carta mereceria estampada por inteiro, pela poetica viveza de suas cores; mas somos constrangidos a resumil-a.

«Era esta quinta de Nogueira um fechado e antiquissimo bosque, de uma boa legua de circuito, enriçado a espaços de espessura de matagal.

«D'onde, ou por que mão, cahisse para ahi a semente do incendio, não é possivel adivinhal-o; mas para pegar achou materia bem predisposta no ressequido das plantas, fartas de estio, e possante auxiliar no vento que por tres dias assoprou, e revolveu aquelle inferno de chammas.

«De léguas acudiu povo; primeiro a combater o elemento indómito; mas em vão; depois, a arrancar-lhe o que fosse possivel; ultimamente, a gosar do bello horror de um tal espectaculo, em que todas as fibras sensitivas do coração despertam, e dão som, e em que n'uma hora se experimentam sensa-

ções, que gerações inteiras passam sem conhecer.

«Este painel movediço, pelo jogo e variados effeitos da luz e do fumo, de dia e de noite se transformava, multiplicando praseres indefiniveis aos olhos e á imaginação. Assim é o homem. Eu só conto o que presenciei, e o que eu mesmo senti.

«A casa da quinta salvou-se a poder de exforços, e apparece agora como uma ilha perdida no meio de um mar de cinzas.

«Do immenso gado, que habitava da quinta a dentro, quasi tudo escapou, perdendo-se e perecendo algumas crias novas, que, deslumbradas pela novidade da scena, corriam imprόvidamente a offerecer-se em holocausto.

«Os visinhos deplorarão muito tempo esta tragedia, que não só destruiu um brasão dos arredores, mas a muitos os lesou em seus interesses, porque a generosidade dos donos de Nogueira a nenhum pobre defendia o cortar na sua matta, com que fazer sua cosinha, e aquecer-se a si e a seus filhos, nos descompostos serões dos invernos de Traz-os-Montes.»

(*Rev. Univ.*)

XLVI

Os arcos das aguas-livres

(Outubro de 1842)

Rosa digna do seu nome por belleza, mais digna ainda por ingenuas e amaveís qualidades, Rosa tinha dezasseis annos. Era segundo se diz, tratada com desamor, e até aspereza, por sua mãe.

Não pertence á Imprensa o segredo das familias. Ignoramos, e queremos ignorar, a rasão que poude obrigar a mãe a pôr mãos violentas em sua filha, a fazer correr com pancadas o seu sangue, com reprehensões e injurias as suas lagrimas.

Rosa esgotou de todo a sua paciencia, e rebellou-se; não contra quem lhe dera a existencia, mas contra a existencia mesma, que na flor da edade já lhe não offerecia senão amarguras.

Apenas concebida a funesta determinação, a fascinadora altura do Arco grande se lhe apresenta logo á ideia, a seduz, a arranca da casa materna, a attrai, a empucha com uma força irresistivel.

Já trepava ao parapeito, quando um viandante, a ponto deparado para a salvar, acorre, arrebata-a violentamente, constrange-a a

viver. Vive; mas a quéda que deu nas lágeas do caminho, debatendo-se contra o seu salvador, a teve de cama por alguns dias. Esta primeira tempestade foi a 29 de Setembro. Passou.

¡Outro tanto podessemos dizer de um infeliz mancebo, que na mesma semana, e do mesmo sitio, se arremeçou para a Eternidade!...

*

Haviamos pedido á Policia, por tudo quanto ha de santo e veneravel no mundo e fóra d'elle, uma e muitas vezes lhe haviamos pedido e obsecrado, que defendesse com guardas o ingresso d'aquella ponte da morte a todo o caminhante desacompanhado. Devia de ser insensato o nosso requerimento, pois que nunca obteve despacho.

Convertel o hemos hoje em outro, que por ventura logrará melhor fortuna.

Tem mostrado a experiencia, que essa mesma pequena difficuldade, de subir ao parapeito para dar o salto, tem salvado (como d'esta vez) a alguns outros desesperados. Mande-se rasgar n'esse parapeito uma boa portada, sempre aberta para a profundez do valle; escrevam-se-lhe por cima, em grandes letras bem doiradas:

FACIL E GRATUITA

SAHIDA DO MUNDO PARA QUEM QUIZER.

O cemiterio não fica longe; puchem-n-o até aos pés do soberbo monumento; abram n'elle uma grande cova, bem para baixo do

despenheiro, para poupar excusados trabalhos quotidianos aos enterradores, que, sentados nos degraus de algum tumulo, ou encostados ás suas enxadas, gosarão do novo e romantico espectaculo de ver chegar vivos e sãos, e por seu pé, ao cemiterio, os que um momento depois hão-de enterrar.

Pediriamos tambem (se ousassemos pedir ainda mais) que a este valle dos suicidas se desse algum titulo, que melhor convidasse a imaginação: o *Valle do repoiso*, as *Delicias*, ou outro semelhante; que o abysmo se plantasse de verdura e flores, para melhor captivar os olhos; e que, finalmente, lá em cima houvesse de dia e de noite, quem acudisse aos irresolutos com o decisivo copo de bebida espirituosa, que (desde Werther para cá) tantas vezes, e tão efficazmente, ha servido em semelhantes lances.

Este officio, para que se nos não objecte, como já se nos objectou, contra as guardas com o eterno argumento da míngua de dinheiro, não faltaria quem de graça, e por mero gosto, se offerecesse a preenchel-o; por exemplo os moralissimos defensores das corridas de toiros, ou o carrasco velho, os propagadores das *Memorias do diabo*, ou... muita gente que não queremos nomear.

(*Rev. Univ.*)



A IMPERATRIZ CATHARINA DA RUSSIA

XLVII

A imperatriz da Russia

(Outubro de 1842)

Catherina II foi o grande homem do seu sexo.

Para pedestal á estatua de Pedro o Grande, mandou ella aparelhar um immenso rochedo; para pedestal da sua propria, acanhada base fôra o Cáucaso. A sua gloria se compôz de todas as especies de glorias. O que ella concebeu, tentou, e perfez, custou depois a relatar largos annos de trabalhos ás pennas dos mais diligentes historiadores.

¿Desejais conhecel a? eis aqui o seu retrato, de não menos habil mão que a de Frederico, tambem *o Grande:*

«Semíramis capitaneou exercitos; Isabel de Inglaterra está no rol dos grandes politicos; Maria Theresa de Austria manifestou muita hombridade no subir ao Throno; mas *legisladora*, ainda mulher nenhuma o havia sido. Para a Imperatriz da Russia estava esta gloria reservada.»

¿Quereis melhor retrato do que este, que, posto que fiel, não passa de contornos? Eil-o aqui; é desenhado por ella mesma, escrevendo de seu punho ao illustre Zimmermann:

«Se o meu seculo me houve medo, não

teve por onde: nunca foi intenção minha aterrar a ninguem. O que eu só desejava era ser amada e estimada, segundo o que valho; mais não.

«Sempre tive para mim que me calumniavam, por me não comprehenderem. Nunca tive odio nem inveja a quem quer que fosse. O meu desejo, e o meu gosto, era fazer ditosos; mas, como a dita depende do genio de cada um, esse meu empenho sahiu bastantes vezes desvingado.

«A minha ambição não era má, que bem o sei eu; mas parece-me que me abalancei a mais do que era rasão, quando pressuppuz os homens capazes de virem a ser racionaveis, justos, e felizes. A raça humana em geral propende para a sem-rasão e injustiça.

«Apreciei a philosophia, porque sempre, de meu natural, fui singularmente republica. Não digo que não haja ahi notavel contradicção entre este geito do meu ânimo, e o illimitado poder do meu officio; porém, ao menos ninguem dirá, em toda a Russia, que me visse nunca abusar de tal poder.

«Amo as Bellas-Artes por mera inclinação. Quanto aos meus escritos, não os tenho em grande conta; gostei de fazer minhas tentativas em varios generos; entendo que tudo quanto n'isso fiz sahiu muito mediocre. Por isso tambem, acabado o passa-tempo, já lhe não dava a minima importancia.

«Quanto ao meu comportamento politico, forcejei por seguir as traças que me pareceram mais uteis para a minha terra, e para as outras menos repugnantes. Se melhores

as tivera concebido, melhores as tivera adoptado.

«A Europa atemorisou-se dos meus designios; não teve rasão: todos houveram redundado em proveito seu. Se a mim me pagaram com ingratidões, ingrata ninguem dirá que eu fosse nunca. Muita vez me vinguei de meus inimigos, perdoando-lhes, ou fazendo-lhes ainda beneficios.»

*

Agora, que já por dois retratos conheceis o seu interior, ¿não desejais conhecer por fora o vaso em que tão rica alma se encerrava? Pois vinde: a varinha do condão do artista o acaba de fazer subir das trevas do sepulcro á luz, com todo o esplendor, com toda a illusão, com todas as graças da vida.

O ultimo retrato de Catherina é obra do snr. Lopes.

(*Rev. Univ.*)

XLVIII

Maravilhas no mar

(Outubro de 1842)

O velho Neptuno, o mythologico déspota dos mares, tambem tem padecido revoluções nos seus estados, como os da terra.

Os homens, que d'antes apenas se afoitavam a remar por suas orlas nas bonançosas primaveras, e que, ao encetar e remar suas viagens, lhe offereciam na praia o sangue dos toiros, e nas aguas, para as damas de sua côrte, ramalhetes de flores e generosos vinhos velhos, teem-lhe imposto Constituições sobre Constituições, zombam de suas barbas honradas, correm em todas as estações pelo meio do Oceano atónito, escarnecem de suas tempestades pela sciencia das manobras, de suas calmarías pela obediencia do vapor.

O que Virgilio dizia, para encarecer a majestade do Rei das Ondas, a qualquer barquinho se pode hoje applicar:

Atque rotis summas levibus perlabitur undas.

E não são cavallos marinhos os que pucham estas carroças equóreas; é o proprio

sobrinho d'esse autócrata de todos os mares; é Vulcano, prezo, e trabalhando ás ordens de dois mortaes enfarruscados.

¿Só isto? não.

Se a desgraça faz perecer algum baixel, um *collete*, uma *cravata*, ou um *chapeo de vento*, permittem que os naufragos o insultem impunemente, boiando no píncaro das vagas.

Hi summo in fluctu pendent...

Se alguem desprésa esta prevenção, e vem no rôlo ás praias afogado, ahi está a Caridade, que ajudada da Sciencia lhe restitue a vida.

¿Nada mais? mais, e muito mais.

Centos de estudantinhos allemães foram ha dois dias dar bailes nas suas planicies liquidas, mascarados em Tritões e Nereidas, cavalgando airosamente os seus golfinhos.

Os Búzios vão passear pelos seus valles invisiveis.

Um Inglez offerece-se a estar lá dias e mezes, edificando, ou divertindo-se, com luzes acezas como em sua casa.

Outros vão sacar a carga dos navios afundados. Outro, para destruir esses parceis de madeira, desce a recheal-os de polvora; e cá de fora, e de longe, por via de um conductor, ordena á pilha voltáica lhe arremesse o fogo.

¿Está tudo? ainda não está tudo.

Em Marselha um homem chamado Malbeck construe um navio insubmergivel, em

que sai do porto, quando todas as outras embarcações, atormentadas do mar e vento, atropeladamente a elle se recolhem. Muitos portos do Mediterraneo teem visto, quando mais descompostos andam fervendo os mares ermos, esta baleota, creada nos montes, arremeçar-se ás vagas com o seu Jonas no ventre, e brincar com as procellas, sumir-se, levantar-se, e desapparecer, para voltar de novo a rir e caretear contra as carrancas do ceo.

¿Desejais conhecer este prodigio?

O casco reméda no feitio a um recurvado e grande peixe, se não que é vestido inteiramente de ferro. Para se lhe entrar no bojo tem um alçapão, que por dentro se fecha hermeticamente. Leva um mastro alto e de ferro, com sua vella de seda, e de seda toda a enxárcia. Tudo para elle é festa, porque é immortal. Se vem bonança, sai-se o *propheta* do ventre para o espinhaço da sua baleia, e a remos ou á vella se leva segundo lhe apetece. Volve o temporal, torna a sumir-se. Come, bebe, dorme; ou, se quer desenfadar-se, vai vogando com remos, que meneia por buracos, por onde a agua não tem licença para entrar. O ar desce-lhe por um furo, que vai sahir ao tope do mastro. Se algum pouco de agua penetra por uma junta, descarta-se d'ella dando á bomba. A sua dispensa são caixas de lata; a sua cama, um odre chato de borracha prenhe de ar.

Se vão por diante (que hão de ir) as feitiçarias da Sciencia, não terá o mar outro remedio, se não receber de nossas mãos as cadeias, com que Xerxes em vão pretendêra

agrilhoal-o; e virá tempo, em que os nossos bailes e clubs, as nossas universidades e passeios, as nossas feiras e batalhas, e Deus sabe se até as nossas romarias e fogos de vistas, se virão a fazer debaixo de agua.

(Rev. Univ.)

XLIX

Como se ha-de fazer um predio rustico, sem gastar

(Outubro de 1842)

Pela carestia do fabríco se ficam de poisío muitos e muito bons terrenos. E' uma das maiores lástimas para quem viaja por este Portugal.

Um homem tinha de seu um espaçoso oiteiro arripiado de matto, e desejava feitorisal-o; mas, quando se dava a cuidar na despeza, cahia-lhe o coração aos pés. A necessidade, que tem sido a sugeridora de mais de metade dos bons inventos, lhe inspirou o seguinte, que transformou todos os seus sarçaes e balsas em palmitos de parras e cachos, e d'aquellas vertentes estéreis lhe fará correr mananciaes de vinho.

Dividiu o oiteiro em treze talhões; repartiu doze por doze trabalhadores, que se obrigaram a desbravar cada um o seu, e cultival-o segundo seu dono determinasse, e, já se sabe, á vista dos seus olhos, recebendo cada um em remuneração toda a colheita dos dois primeiros annos em que a houvesse.

A decima-terça parte, desmoitada e lavrada pelo mesmo dono, ficou, para dar todo o

seu fruto, de galardão ao mais diligente e bem succedido dos doze competidores.

Cumpriu se, de parte a parte, escrupulosamente o contrato.

A quinta já lá está, mui vestida e revestida de esperanças; os colonos, pulando de contentes, com o olho na vindima proxima; e o proprietario, mais contente ainda, por ter feito do nado, e sem nada, um thesoiro para si, um patrimonio para seus herdeiros, e um invento de préstimo para todo o mundo: bom para os pobres, bom para os ricos, bonissimo para a sociedade de qualquer Estado.

Pensem, se poderem, n'isto os senhores das terras desaproveitadas, e os Municipios que possuirem baldios e maninhos.

(*Rev. Univ.*)

L

Associação dos advogados de Lisboa

(Outubro de 1842)

Tivemos a honra de ser convidados á sessão solemne, com que a Associação dos Advogados inaugurou, no dia 5 do corrente, o anno 5.º de seus trabalhos. A sala, onde se haviam feito notaveis melhoramentos, armada de sedas, alastrada de tapetes, e esplendidamente illuminada, correspondia ao luzido do numeroso auditorio.

Presidia o snr. Manuel Felix de Oliveira Pinheiro, decâno dos nossos Advogados, que abriu com uma allocução, modesta e urbana como elle, o nobre acto.

O 2.º Secretario, o snr. Augusto Cesar Barbosa, deu conta do a que pela rasão do seu officio era obrigado, acompanhando essa relação com um discurso acommodado ao lanço.

O 1.º Secretario, o snr. Silva Abranches, leu uma elegante exposição dos trabalhos juridicos do anno findo.

Seguiu-se o snr. Antonio Gil, com uma oração de abertura, em que, com o seu modo original e chistoso estylo, pretendeu

ventilar a questão, se havia na ordem judicial jerarchia, como suppõe a Novissima Reforma; rematando, depois de ponderar algumas fortes objecções, com este texto horaciano, que para epigraphe tomára:

......et quæ
desperat tractata nitescere posse, relinquit.

O snr. Abel Maria Jordão de Paiva Manso derramou sobre o sepulcro do seu amigo e consocio o snr. Emygdio da Costa ricas flores de eloquencia, e lagrimas ainda mais ricas.

Finalmente, o snr. João de Sousa dos Santos Ferreira dissertou, com muita erudição e copia, acerca da polygamia, como ponto de physiologia, de philosophia social, e de jurisprudencia.

Sahimos desejando largos dias de duração a uma Sociedade, cujo timbre é a *Lei*; e que, para defensão d'ella, tem reunido no seu gremio quasi tudo quanto ahi ha de mais illustre no fôro patrio.

(*Rev. Univ.*)

LI

Ou rosalgar, ou casamento

(Outubro de 1842)

Um Castelhanito, caixeiro n'uma respeitavel casa de commercio d'esta cidade, andava perdido de amores por certa menina, de quem era correspondido. A fortuna, que trata muitas vezes aos amantes como sempre trata aos poetas, punha serios impedimentos ao consorcio, de ambas as partes suspirado; e augmentava o amor, pelas difficuldades.

Emquanto a pobre namorada no canto do seu quarto, sosinha, banhava todo o dia a costura das suas mãos com as lagrimas dos seus olhos, *el enamorado*, em pé diante do contador do seu escritorio, misturava na correspondencia mercantil, de que era encarregado, as mais distrahidas finezas e requebros, e matizava as facturas dos arrozes e chitas com protestos de ternura, que iriam talvez sensibilisar as entranhas sêccas dos mais encanecidos tendeiros de Traz-os-Montes ou do Algarve. Era um verdadeiro supplicio de Tantalo: ¡viver afogado em fazendas! ¡não ler, não registar, senão transacções de *milhares de duros*, de *contos de reis*! ¡em si não sentir senão affectos, e

uma formosa imagem no coração! ¡e nas algibeiras algumas duzias de escritos ricos de paixão, mas pelos quaes qualquer rebatedor não daria mais (posto que tambem não daria menos) do que pelos mais respeitaveis titulos de «classes inactivas».

Aconselhado da desesperação, concebe a *heroica* resolução de se matar.

Sabedora d'este projecto a sua amante (não é para mulheres o ficar se atraz em pontos de amor) quer que, assim como a sympathia reuniu as duas almas, o mesmo cópo, a mesma hora, e, se podér ser, a mesma sepultura, reuna os seus corpos para sempre. Não era bem um matrimonio ecclesiastico; mas pelo menos, sempre era um consorcio romantico, um sacramento instituido pelo diabo nas suas *Memorias*, que são o Evangelho hoje em dia mais folheado.

¿Como, porém, obter o veneno?

Os ratos do armazem se apresentam como pretexto mui plausivel. Um medico, patricio do mancebo, e que, nas horas vagas da clinica, se entretem vendendo quina e chocolate, enganado pelo seu amigo, e na melhor fé possivel, lavra a receita, por onde dentro em pouco uma farta dóse de arsenico, para dois, já se achava a dissolver em agua n'uma garrafa.

Suspeitando, por antecedencias, algum sinistro projecto, os companheiros do infeliz seguem-n o, vigiam-n o, espreitam-n-o, por toda a parte e a todos os momentos. Furioso com estes novos empachos, e esquecendo se, em sua allucinação, do ajuste feito e jurado com sua dama, a bebida para dois

elle só a exgota n'um relance, e de um unico trago, até ás fezes. Chamam-se e acodem medicos; applicam-se antídotos; salva-se a victima a seu mau grado.

Convencido, pela experiencia, de que o seu fado o não destina a acabar como os ratos, recorre a segundo e mais efficaz remedio.

Na terça-feira 4 do corrente desappareceu com a sua namorada.

O suicidio presumira em vão levar as lampas ao casamento. O casamento, segundo todos presumem, veio a final triumphar do suicidio.

Os versados em novellas, em dramas, ou somente em sonetos, sabem a que pouco se limitam as ambições da gente moça e namorada: um valle, uma gruta, uma ilha deserta, são o bello ideal das suas sonhadas felicidades.

Falta saber onde jaz a ilha deserta, que os nossos viajantes escolheram para refugio e vivenda dos seus amores.

(*Rev. Univ*)

LII

Omnipotencia do amor

(Outubro de 1842)

O carrasco Simões é viuvo ha já alguns annos.

Posto que a primeira experiencia, que fizera do matrimonio, não fosse das mais afortunadas (ou talvez por isso mesmo), emprehendeu segunda, acrescentando a uma prisão perpétua outra prisão perpétua: á do Limoeiro, a do casamento.

Parece que o mais difficultoso seria achar mulher, tão superior (ou tão inferior) a todos os respeitos mundanos, tão desquitada da Natureza, e tão vazia de feminidade, ou, emfim, tão caritativa e generosa... que aceitasse a sua mão. Achou-a comtudo: moça de vinte annos, e não destituida de formosura.

Correram os proclamas, e excusado é advertir que não appareceram impedimentos. Faltava só apertar o laço; senão quando, o Prelado da Provincia, segundo nos affirmam, avóca o negocio, e denega (ou pelo menos não expede) as licenças necessarias.

Não sabemos dizer em que prenderam os seus escrupulos, os quaes, attentas as mui-

tas letras, virtudes, e prudencia do Pastor, não deviam de ser sem fundamento.

Lembra-nos que o moralista grego, vendo aparelhar-se as bodas de um ladrão seu visinho, escrevêra aquella fabula das rans pedindo a Jupiter que não deixasse casar o Sol, fundando-se em que, se um unico Sol lhes seccava os charcos de sua vivenda, ¿que seria d'ellas quando começasse de haver soesinhos?!

¿Recearia aqui o veneravel Pastor a propagação de lobos no seu rebanho?

Se Sua Em.ª pode prohibir, e prohibiu, este consorcio repugnantissimo, uma consideração ha, que a nós nos faz fôrça para louval-o; não porque julguemos, como Esopo, que de ladrões hão de proceder forçadamente ladrões, e carrascos do carrasco; mas porque os filhos do carrasco seriam infames aos olhos do mundo; seriam homens evitados e fugidos, desterrados na propria terra, verdadeiros párias no meio da sociedade, inhabilitados para tudo... (salvo para toireiros).

Assim, o que á primeira vista pareceria sobejidão de rigor, considerado de mais perto se reconhece caridade; e tão extremada, que o seu alvo não anda aos olhos, nem está ainda na existencia, nem sequer n'um futuro certo.

(*Rev. Univ.*)

LIII

Os Principes francezes

(Outubro de 1842)

O Principe de Joinville e o Duque d'Aumale, chegados em quatro dias de Brest a Lisboa, entraram no dia 20, e teem sido devidamente festejados pela nossa Côrte, que lhes offereceu por hospedagem os Reaes Paços de Belem.

Apressam-se em ver todas as curiosidades da Natureza e da Arte, assim da cidade como dos arrabaldes, captivando por sua lhaneza a quantas pessoas com elles tratam.

D'aqui partirá o Principe de Joinville para o Brazil, commandando a «Belle Poule», em que veio; fragata para sempre célebre, por haver sido a que trasladou do destêrro para a Patria o cadaver proscrito do Proscrito Imperador dos Francezes.

O Duque d'Aumale ir-se-ha, não para Madrid, onde se crêra que o amor o chamava, mas para Argel, d'onde o está chamando a gloria, porque o Outono, em que estamos, vai ser assignalado, segundo se diz, por uma rija campanha contra os Arabes do deserto.

(*Rev. Univ.*)

LIV

Um monumento... veremos de quê

(Outubro de 1842)

Lembrou emfim, depois de oito annos, consagrar a Dom Pedro um monumento na praça do seu nome, em frente do theatro, que (pelo menos) terá de *portuguez* o nome de sua Augusta Filha.

Para superintender na obra foi deputada uma Junta composta dos snrs: Marquez do Fayal, Conde do Farrobo, Visconde de Porto-Côvo de Bandeira, José da Silva Carvalho, Polycarpo José Machado, o Governador Civil de Lisboa, José Bento de Araujo, e presidida pelo snr. Duque de Palmella.

A esta Junta pertence promover donativos para os gastos da edificação, e propôr á approvação do Governo o desenho que pretender executar, e a eleição do sitio, se algum outro lhe parecer mais acommodado.

Mas... ¿quem acreditaria, que até em coisa de tão estréme gloria, se nos haveria de introduzir vergonha, e mais que vergonha, escandalo e abominação?

Engana-se ao Governo. Abusa-se impudentemente da sua boa-fé. Inculca-se-lhe como architecto *portuguez* um architecto *estran-*

geiro; e um risco do snr. Lodi, *italiano*, baixa por consequencia recommendado do Throno da Rainha á meza da Junta, para, segundo elle (se parecer bem) se lavrar o marmore, em que as gerações, descobrindo a fronte ao passar, adorarão o Nome do LIBERTADOR.

Protestamos em como o Throno, e os seus Ministros, foram necessariamente innocentes d'este reo pensamento, o mais desnacional e antinacional de quantos teem abortado em nosso tempo. Nem a Filha de Dom Pedro, nem os Ministros da Filha de Dom Pedro, e ainda ha pouco soldados seus, podiam querer que a tão portuguezas Cinzas, e tão heroicas, se fizesse o mais covarde, o mais cruel, o mais inutil desacato.

A afronta ao homem vivo pode ser vingada ou perdoada; mas a bofetada no cadaver, que já não pode senão estremecer sobre suas tantas corôas, e suspirar um suspiro só ouvido de poucas almas... ¡profanação! ¡profanação! ¡demencia, e sacrilegio!

Ressôe a nossa voz sob as abóbadas dos Paços Reaes, ainda saudosos do REI SOLDADO, do REI LEGISLADOR, do REI HOMEM, do que poz seu descanço e vida, pela vida, pelo descanço e gloria de quanto era ou se chamava *portuguez*. Eccôe por lá o nosso grito de subdito e portugez leal:

«Foi lançada uma atroz mentira nos ouvidos da Majestade, para que dos seus labios filiaes e piedosos sahisse uma palavra, a que os inimigos podessem chamar ingrata e nescia.»

Este risco, de mãos forasteiras, temos e

devemos ter fé em que o mesmo Governo, agora sabedor da traição, o mandará restituir de repente ao seu autor, louvando-lhe, agradecendo-lhe, a boa-vontade, o zelo, e a devoção, que o abalançaram até ao temerario, ao defezo, ao impossivel.

O monumento de Dom Pedro é nosso, só nosso, e todo nosso, e para nós, só para nós, e todo para nós. Só architectos *portuguezes*, o hão-de riscar; só braços *portuguezes*, e em pedreiras *portuguezas*, hão de arrancar o marmore; lavral-o e polil-o com os ferros das nossas minas; trazel-o em carros criados nos nossos montes. Mãos *portuguezas* o hão-de assentar, depois que a Mão da Rainha de Portugal lhe lançar no alicerce o primeiro canto; e a voz que dirigir a obra ha-de se exprimir nos sons varonis que falava Camões, e não nas mellifluas toadas d'*Il Pastor Fido,* ou d'*Il congresso di Citéra.*

¿Qual seria o filho d'esta boa terra, que hoje, depois de passada ha treze seculos a dominação *romana*, consentisse em que um *Romano* viesse levantar um monumento, aqui, no meio da nossa Capital?

¿Qual será a bolsa, que, requerida para concorrer para ahi com o seu dinheiro, se não feche com generosa indignação?

—O monumento de Dom Pedro responrão todos—lá está completo e indestructivel na Historia; esse sim que o riscou elle, e ajudámos nós a edifical-o. Se quereis assentar-lhe ao pé outro de vergonha sua e nossa, fazei-o; mas não nos convideis para vossos cumplices; porque em os Francezes, os In-

glezes, os Allemães, os Barbaros, e até os Italianos, passando por ahi, a rir da nossa emprestada architectura, queremos nós protestar contra o escárneo, e dizer-lhes cuja foi a traição e a covardia.

Chamae os architectos portuguezes. Vereis como esquecem a offensa, ainda tão recente; como se apressam para este concurso glorioso; e como, consagrando um padrão ao seu Principe, consagram ao mesmo tempo outro á gloria de si mesmos, e ás Bellas-Artes nacionaes.

¿Não terão elles mãos e alma... só porque são portuguezes?

Ainda que assim fosse, mais valêra uma só pedra de cabeceira posta a Dom Pedro como a soldado razo, por um filho d'este Povo a quem Elle redimiu, do que o tumulo de Trajano [1], a columna de Vendôme, ou a pyramide grande de Memphis feita e collocada por um *extranho.*

¿Não deram já ahi *al signor Lodi* a feitura do theatro novo, monumento da nossa Rainha?... (da nossa Rainha, sim, que não da sua) ¿Arremataria elle a edificação de todos os nossos monumentos?

Não o conhecemos; não o guerreamos; ¿e para quê? Seja academico de merito; edifique pontes suspensas e estufas, e não sabemos que mais prodigios, pregoados e blazonados em algum jornal... portuguez. Dêem-lhe quanto se achar justo, ou aprouver: dire-

[1] Não será de Adriano?

Os Editores.

cção de obras, magisterios, rendas, condecorações, titulos, tudo. Levantem-lhe até estatuas e agulhas. Mas... ¡em nome de Deus! que não ponha mão no monumento de Dom Pedro, nem em representação alguma da nossa gloria. Que o desmaginem d'essa tentação diabolica, se a tiver; se a procurar levar a effeito, que o repulsem.

Que o repulsem... como os seus patricios repulsariam ao proprio architecto da Batalha, se ressuscitasse, e fosse offerecer-se em Roma a edificar outra egual maravilha, em honra de um Principe italiano que houvesse libertado a sua Patria.

(Rev. Univ.)

LV

Homenagem ao antigo e ao moderno

(Novembro de 1842)

No centro de Lisboa, a meia encosta da parte oriental do monte de S. Roque, jazia, não ha ainda oito annos, um informe cahos de ruinas.

Eram, começando pelo alto, o muro velho de D. Fernando, e os paços dos Condes da Vidigueira, descendencia do grande Almirante dos mares da India; e, aos pés d'estes desenganos da grandeza, descahindo já para o valle do Rocio, terrenos quebrados e perdidos, para onde nem já lançavam olhos os fidalgos seus senhores.

N'esta porção da cidade, onde a lima surda do tempo, e o desleixo dos homens, consumaram a obra do terremoto, enxameava em paredeiros immundos e doentios, em bêcos enleados, em pateos encantados, e quasi incógnitos á propria Policia. tudo que a sociedade tem de fézes: a prostituição, e embriaguez, o roubo, a nudez, e a fome; a mocidade caduca, a infancia sem alegria, a velhice sem veneração; todas as pragas physicas, todas as pestes da moral.

Appelidavam os clerigos da Parochia ao sitio o hospital d'ella, pelo contínuo exercicio em que se ahi andavam o Viático e a tumba; os visinhos, a galé do bairro; os passageiros, a sentina da cidade. Eram os vermes, que viviam e morriam dentro n'aquelle cadaver de um povoado, que, outr'ora em pé e florescente, ria para o sol da manhan, hombreando vaidoso com os outros montes, seus visinhos d'alem-valle.

*

Grande parte d'estas ruinas passaram, successivamente, para o dominio util de um particular emprehendedor e perseverante.

Ninguem lhe invejou a acquisição. Todo o sitio parecia irrevogavelmente condemnado ao desamparo, entendendo-se que só braço de Rei sería possante para o restaurar; mas o genio firme e determinado é tambem Rei. O snr. Caldas Aulete, dentro em poucos annos, metamorphoseou tudo.

Quasi que nada existe já de quanto pejava esse espaçoso e singular terreno, que intervalava as duas casas de mais opposta indole, que na cidade havia: a Misericordia, e a Inquisição.

*

Mas, antes de visitarmos os objectos novos, que hoje o aformoseiam, volvâmos uma vista rapida aos que desappareceram, e teremos logar de rectificar algumas imputações acerca da violação de monumentos historicos, que n'esse âmbito se comprehendiam.

*

O pateo do *Patriarcha*, ás abas da Misericordia, era a cabeceira d'esta encosta.

Um theatrinho, ali edificado havia trinta annos, escrupulos da piedosa Marqueza de Niza D. Eugenia, senhoria do terreno, o haviam feito demolir; e no logar de uma comedia má, e de cómicos ainda peores (não obstante serem, pelo commum, estrangeiros), não ficára mais do que mendigos, ratoneiros, alquiladores de alimárias, e roubos de trapos, e enfermidades, que, aglomerados para aquelle seu centro de attracção, procuravam abrigo e refugio entre um labyrinto de paredes velhas, que, de inverno a inverno, e a lanço e lanço, se desabavam.

Esse covil foi despejado; essas paredes e tectos traidores, apeados; o pateo cessou de ser defezo e temeroso.

*

Seguia, pouco a diante a torre historica do velho Alvaro Paes, ainda em pé, sobre o lanço do muro de D. Fernando, a que haviam estado arrimados esses mesmos pardeiros.

A torre senhoreava ao réz do caminho o populoso largo, e rua larga de S. Roque. Falava recordações nobres aos que passavam. A torre não abrigava ladrões, nem ameaçava queda. Os que a dissessem inutil, perigosa ou prejudicial nunca a poderiam ter chamado. E a velha torre de Alvaro Paes foi acommettida; e não por Castelhanos.

Despovoada de Portuguezes, desguarnecida do seu capacete de ameias, resistiu do unico modo que poude: com a sua mesma dureza. Fez voar em pedaços muito alvião sacrilego, muita picareta *philosophica*, muita marreta de niveladores. Ao cabo não teve remedio senão ceder, e quatro seculos poseram no pó a sua fronte espedaçada.

E os pés descalços dos agentes da *philosophia* passaram com indifferença por cima d'essa destruida múmia de uma gloria nacional. ¿Que importava? ¿não nos ficavam vivas tantas modernas?

Os niveladores foram-se, por entre as pedras decrépitas, ao rebusco de algumas moedas antigas para as vender a pezo; e os alindadores bateram as palmas, por se ter removido um pejamento O pejo que no seu logar ficou, esse não o viam elles; não o vêem; não o verão nunca.

¡Oh! ¡bemdita a ignorancia d'estas gentes! ..

No tempo do snr. Caldas foi commettida a philosophica brutalidade; mas não á sua voz. A sentença de morte á torre do velho cidadão, fòra dada e publicada pela Camara da cidade.

A Camara, para conquistar a gloria de abrir uma pobre e supérflua rua, que nem todos os do bairro conhecem, e se chama *Rua Nova da Trindade*, a Camara (ou antes a Vereação do anno de 1835) havia já mandado aterrar outro lanço contiguo do mesmo muro, e n'elle o *postigo do Condestavel*, a quem o letreiro e o povo já previa-

mente desautorisavam, chrismando-o em *Arco de S. Roque.*

Se o snr. Caldas poude, e não ousou, ter mão n'este acto vandálico de uma Camara, cujo mais activo membro (a quem Deus perdôe) tinha o symbolico e proverbial cognomento de «Bota a baixo», sobre elle tambem a nossa censura. Mas, quando vemos o amor com que salvou toda a parte do mesmo muro, inclusa no seu terreno, e, para impôr aos vindoiros obrigação de a respeitar, a deixou com um letreiro em marmore assignalada e recommendada, somos forçados a crer que, não sem mágua, e (segundo consta) só por complicação de transacções, se vira constrangido a deixar passar por cima da torre monumental a onda da destruição, impetuosamente vomitada do seio da Camara *bota a-baixo.*

*

Demolida a torre de Alvaro Paes, o postigo do Condestavel, e entre esses dois monumentos a capella do *Passo*, que se acostava ao mesmo muro de D. Fernando, urgia que o ampliado largo de S. Roque se convertesse prestamente em uma bella praça, e que vistosos e uteis edificios modernos, quando não podessem apagar-nos as saudades das velhas glorias, d'ellas ao menos nos divertissem.

Mas parece que andou mais empenho em desfazer o que chamavam *pejamentos*, do que em verdadeiro despejar; porque, não só boa parte do entulho que fôra monumentos

lá se conserva amontoada, se não que ainda está de pé muita velharia ignobil, ha cinco annos condemnada para que a frontaria oriental da rua da Trindade não viesse a se torcer em entrando ao largo.

Estas velharias são, além de um escaço e excusado fragmento do muro, uma bodéga e uns casarões velhos. Parece que ainda as marretas não acabaram de descançar da ingreme facção que as eternisou, para arremetterem com isto; ou que a graça que o Condestavel e Alvaro Paes não encontraram perante a *philosophia*, a encontrou um taberneiro.

*

O titulo d'este artigo claramente resume o nosso pensamento no assumpto:

uma vez assolado o que não era para assolar, uma vez invocada como pretexto do vandalismo a consideração do aformoseamento, ficava obrigação e necessidade vir logo a elle com egual furia, desempachar o terreiro da praça, e completal-a da parte do nascente com alguma fabrica nova de casarias, por onde as murmurações dos milhares de passageiros, que por ahi veem e vão todos os dias, ou emudecessem, ou sahissem transformadas em louvores.

¿Fez-se já isso? Não.

¿Riscou-se, projectou-se ao menos? Tambem não.

¿Tenciona-se? Sabe-o Deus.

O aniquilar, que não havia de ser senão *meio*, parece logo haver sido o verdadeiro *fim*.



Falou-se em levantar ahi o Theatro Nacional.

Era esse um alvitre plausivel a muitos respeitos; agradava a toda a povoação; desagradou a quem quer que fosse; não se fez; e ao terreno mais bem acondicionado para um theatro espaçosissimo foi-se preferir outro, onde apenas caberia á vontade um *tutto-il-mondo*; e tão desasado e mal geitoso, que pela sua mesma condição é que se procura defender parte dos absurdos, e todas as mesquinhezes, da planta *ultramontana* que n'elle vão executar.

Mas essa questão, que assim se trata de leve, e com a «caninha n'agua» (como dizem) é uma questão funda e ampla, e que abraça muitos respeitos, e interesses altissimos. Não queremos nós incorrer na tontaria presumpçosa de a tratar aqui de fugida.

Só diremos que o theatro do Rocio ainda se não começou, graças aos impedimentos que a propria Natureza lhe tem posto, offerecendo vallas de agua onde se lhe pedem fundamentos para alicerces. Pode portanto ser ainda transferido; no que, iria grande crédito para quem tivesse a generosa galhardia de dizer: «¿Errei? emendo.»

Proferida esta palavra de sabio, quando se não adoptasse para a edificação o mais proprio de todos os sitios da cidade, o Thesoiro velho, nenhum outro disputaria a palma a este do largo de S. Roque.

Agora, que temos dito lealmente a verdade, como bom cidadão, em um negocio im-

portante da cidade, não somos obrigados a mais. Saia o que sahir: lavamos as nossas mãos entre os innocentes.

Mas theatro, ou fábrica de officinas, ou lojas, basar, e mercado, ou escolas publicas, ou moradas de particulares, o essencial é que o proprietario do terreno, e a Camara Municipal, se desempenhem de suas mutuas obrigações, e que uma *verdadeira praça*, qual a requer o apuro do moderno gosto, succeda a um *sonho de praça*, que já dura ha seis annos, e já vai sendo pesadelo intoleravel.

*

Arrimado ao muro d'el-rei D. Fernando, cujo cobêllo deixamos em terra no largo de S. Roque, se vê ainda hoje o decrépito palacio dos Condes da Vidigueira, pertencente á casa de Niza, o qual fazia ponta n'um elevado cunhal olhando para a rua da Condessa.

No meado anno de 1835 condemnára-o a Inspecção da cidade a ser apeado, até ao meio pelo menos, visto o perigo que ameaçava pelo seu desamparo em tamanha altura. Mas, porque o orçamento dos apparelhos e jornaes para a obra subia a grande ponto, parece que logo se transformaram os olhos, figurando se-lhes o risco menos grave, e menos urgente a demolição.

*

Por esses tempos, tomou o snr. Caldas de aforamento estas e outras ruinas n'aquelles sitios.

Intendeu logo, com bom juizo, no apeamento do famoso cunhal, que bem mostrou ao descozerem-n o, que os Antigos não edificavam com tanta areia como os Modernos, pelo bem cimentadas que se achavam entre si as pedras.

Pôz-se emfim no chão aquelle precipicio, procedendo-se n'esta e mais obras semelhantes, que seu dono por ahi traçou, dirigiu e perfez, com tão acertadas medidas, que nenhum desastre occorreu, nem ainda o mais leve accidente, a nenhum dos obreiros.

Aos que, por negativo, julgassem pequeno este louvor, lembrar-lhes hiamos que, até em grandes obras publicas (não só nas particulares) com tanto desaccôrdo se costuma n'esta parte proceder, que rara é aquella, que sem rubríca de sangue, e labéo de homem morto, se remata.

Não ha ainda muito, que o desfazer no Rocio umas paredes velhas, para fazer logar a um theatro impossivel, custou a vida a um trabalhador.

Haviamos de insistir ainda mais n'estas coisas, se tivessemos esperança de que a rasão havia de ser ouvida; mas quando nos lembra que se demonstrou, que o theatro nacional, como o projectavam, era (se se chegasse a fazer) um matadoiro de gente, uma especie de *tavolado*, que, sem outra lança de cavalleiro mais que os encontros do ven-

to, desabaria, e que ainda se teima, com uma verdadeira obstinação muar, em engendral-o, e que nem, ao menos, se tem assaz de vergonha para corar com qualquer negação sophistica aquelle inaudito crime social, aquella premeditação de carrascos a sangue frio; emfim, quando advertimos que a unica resposta, que esses atrozes fabricantes de uma carnificina publica dão ás demonstrações propheticas da sciencia, é continuarem, em silencio, a amontoar, umas sobre outras, pedras tão massiças e brutas como as cabeças que as dirigem, perdemos toda a fé no poder da palavra, roda a esperança na perfectibilidade do entendimento, quasi até a caridade; e somos tentados de fazer côro aos Inglezes, que do meio das suas névoas nos estão apupando de selvagens.

*

Mas tornemo-nos da nojenta ratoeira italiana do Rocio, para o já degolado cunhal de que nos haviamos afastado.

N'elle fenece a antiga edificação, que desce desde o muro Real, e começa a moderna, que se estende até ir parar no pateo do Penalva.

A uma ladeira íngreme, engasgada, lodosa, bordada de enxames ascorosos de mulheres perdidas, succedeu um largo espaçoso, limpo, suave no pizo, nobre nos edificios, regalado pelo nascente com uma tela amplissima de horizonte, em que avulta, como pintura rica, a vista da montuosa Lisboa antiga,

E' sitio, onde já hoje se deteem os que sobem e descem, folgando de se repoisar nos assentos que o hospedeiro innovador lhes estendeu como canapés.

Arvores, postas por sua mão, e cujo numero será ainda acrescentado, augmentam a seducção do convite; e uma fontinha, que elle ahi tenciona para o Publico, o rematará. E' este outro bom exemplo, que ahi se dá aos proprietarios edificadores; exemplo desgraçadamente raro, e de poucos apreciado pelo que vale.

Em Allemanha reparou Madame de Stael, que a bondade cordeal e bemfazeja dos moradores já por fora das moradas se denuncía. Revestem-n-as de pinturas, que recreiem os olhos a quem tranzita, orlam-n-as, se podem, de bancos e sombras, por que os fatigados se repoisem; e isto concorre, tão bem como os institutos philantropicos, para ligar os homens aos homens, suavisar os costumes, e augmentar o contentamento da vida, que é, bem lançadas as contas, a unica felicidade n'este mundo.

*

Ahi, entre essas arvores novas, ahi, onde, não ha ainda muito, apenas se enxergava um estreito portal, que dava para um barracão pôdre e ruinas inextricaveis, abre-se hoje ás carroagens um portão, ornado com as Armas d'el-Rei da Sardenha, e que, por um amplo e formoso pateo, dá entrada no palacio, que o seu Embaixador n'esta Côrte com rasão preferiu para residencia.

Este palacio, que, certo, não desmerece o nome, é, pelas muitas e incomparaveis circumstancias que reune, não o maior, não o mais rico, mas, sem nenhuma contradicção, o mais agradavel, o mais delicioso da cidade.

Situado no coração d'ella, a dois passos do Bairro-alto, a outros dois do Bairro baixo e novo, desfruta entretanto, entre o seu pateo e o seu jardim, o mais profundo retiro, o silencio mais imperturbavel, os ares mais puros e suaves.

A terra de suas dependencias é diffuza, variada em exposições, prendada com a vista de quadros todos diversos, repartida e aproveitada com o mais selecto gosto. Jardim, e jardins, enriquecidos das mais peregrinas flores, e de estatuas. Escadarias de marmore, communicando os diversos planos. Hortas, frescas, regadas e viçosas. Pomares, espessos e fecundos. Abundancia de todo o genero de arvores frutíferas, sem exceptuar as de alheios climas, que ali até as bananeiras alardeiam já as suas vestes largas, lustrosas e roçagantes. Quinta, em summa, que se estende desde o largo de S. Roque até o pateo do Penalva, e desde a calçada do duque até á da Gloria.

Como se tanta posse ainda fosse pouco para no centro de uma cidade populosa, de qualquer parte que os olhos se esgarrem para o norte, cuidam ver até muito mais longe dilatar-se os seus dominios. As quintas do Duque do Cadaval e do Marquez de Castello-Melhor, e a cerca da Misericordia, lhe estão contiguas, e se representam continual-os; até

que o Passeio publico, com a sua copiosa matta, e o de S. Pedro de Alcantara, com o seu gracioso jardim, e seu arvoredo já adulto, orlam e rematam o quadro, quasi continuo de vegetação. Mais ao longe, para todos os lados, ceo espaçoso, cobrindo um espaçoso e multiforme panorama de povoação, por onde o artista pende indeciso na escolha de objectos, que primeiro traslade para crédito do seu album.

Esta casa, a mais poetica de todas as thebaidas de cortesãos, não offerece menos, por dentro, com que se exercite um lapis caçador de gentilezas.

*

E tudo isto se gerou e floriu, d'entre umas ruinas temerosas e hediondas, pela perseverança de um homem, que tem a fortuna (a maxima fortuna) de não crer em impossiveis.

No espirito d'este homem se conciliaram perfeitamente duas coisas, que em geral se julgam repugnantes: em quanto, com uma das mãos, por si só, e sem se fazer ajudar de architectos estrangeiros, consagrava no centro de Lisboa esta pública homenagem ao gosto e á civilisação moderna, com a outra defendia e segurava alguns restos das memorias antigas depositadas no seu terreno.

O muro de D. Fernando, que o limita pelo poente, está salvo; e n'elle uma prancha de marmore, olhando para o largo e caminho público, impõe desde já respeito aos futuros

achacados de *destructividade*, com esta inscripção em grandes letras:

ESTE LANÇO DO MURO QUE EL-REI
D. FERNANDO ACABOU EM 1413
FOI CONSERVADO E REPARADO POR
FRANCISCO JOSÉ CALDAS AULETE
EM 1840 [1]

O particular fez pois quanto d'elle dependia para ressuscitar e alindar uma parte tão principal, que é ella uma das mais usuaes serventias entre o Bairro baixo e o alto, para as horas de tráfego e negocios; para as de recreação, a passagem mais compendiosa de uns para outros passeios. O restante, que não é muito, compete á Camara Municipal.

Possa ella apresentar-nos, dentro em pouco, este tranzito completamente commodo e agradavel, desterrados alguns restos de casas e paredeiros indecentes, aperfeiçoado o pizo, facilitado o aceio da circumvisinhança, concluida finalmente a praça de S. Roque.

*

Esperamos que a proxima Vereação se não ha-de despedir, sem deixar aos seus conterraneos este legado valioso, este incentivo para ser recordada com saudades.

(Rev. Univ.)

[1] A data é referida á era de Cesar, correspondente ao anno christão de 1375.

Os Editores.

LVI

Principes francezes

(Novembro de 1842)

O Principe de Joinville e o Duque d'Aumale foram-se por terra até Coimbra, curiosos de conhecer as formosuras do Paiz, e de saudar as recordacões historicas de Alcobaça, da Batalha, da Fonte das Lagrimas, dos paços de D. Maria Telles, da Universidade, da Sé velha, de Santa Cruz.

Viajam em bestas de arriaría á moda do Reino, e levam umas quarenta pessoas de comitiva.

(*Rev. Univ.*)

LVII

Generosidade de um artista

(Novembro de 1842)

Segundo refere um periodico d'esta cidade, dois (e não um) foram os riscos, que o inesgotavel architecto, o snr. Lodi, presentou á Junta encarregada do monumento de D. Pedro.

D'estes riscos o primeiro, diz-se é para uma agulha, ou obelisco; o segundo, para uma estatua.

Pelo seu gôsto particular propendia o artista para o primeiro; o gôsto do seu protector lhe persuadiu o segundo. Em todo o caso, com dois projectos diversos havia sempre mais probabilidade de satisfazer.

Não está porém aqui, na quantidade dos riscos, a generosidade.

O autor (reportamo-nos ainda ao citado jornal) pediu á Junta que tinha de ser árbitra do negocio, convidasse os artistas portuguezes a apresentarem tambem seus desenhos, para que fosse escolhido d'entre todos o mais digno;

.................................irado e não facundo ameaçando a terra, o mar... e a Academia das Bellas Artes.

Parece-nos que se o snr. Lodi, da propria sala d'essa Junta, antes de fazer o seu desafio, lançasse os olhos pelas janellas fora, e désse no meio dos ares com a Estatua equestre, na alma se lhe gelaria o seu arrôjo.

Sim, que morreu JOAQUIM MACHADO DE CASTRO, o que em bronze eternisou a D. José, e em marmore a D. Maria I. Sim, morreu; e tão de vez, que tudo quanto d'elle resta são duas filhas, que, talvez cançadas da fome que as rala, irão ainda algum dia, sentadas nos degraus do monumento, estender a mão descarnada, e pedir esmola aos que ahi se detiverem de enlevados.

Morreu, sim; mas, se a Escultura nacional ficou orphan, a sua escola dura ainda; o mestre que a rege foi discipulo seu, recebeu d'elle inspirações, de Deus o talento, e de si mesmo o trabalho contínuo, e o estudo ardente, que aperfeiçôam.

O *sono pittore anch'io* não é intraduzivel para portuguez.

Somos pintores tambem nós; somos esculptores; somos architectos; somos tudo. Só, por desgraça, Portuguezes é que não queremos ser.

(Rev. Univ.)

LVIII

O habito não faz o monge

(Novembro de 1842)

Um louvor havemos nós de dar aqui hoje á Policia Municipal d'esta grande cidade, que, por ser de todos confessado, não pode deixar de lhe ser devido: nunca jámais a segurança das vidas e fazenda dos cidadãos foi menos violada, do que n'estes duros tempos, em que fome e depravação promettiam de si bem contrarios effeitos.

Esta paz no meio de tantos odios, tanta fidelidade entre tanta penuria, e tão raros crimes na cabeça do Reino, quando tantos fervem e pululam por todo o corpo d'elle, bem deixam entender quão boa vontade, quanto zelo e exfôrço, quanta prudencia e estudo, estão caladamente presidindo a esta parte principalissima da Policia do Municipio. [1]

[1] Só ha um capitulo, em que a Autoridade policial de Lisboa tem ostentado uma contumácia de desleixo, e um emperramento no mal, verdadeiramente monomaníaco, e de que nenhum coração humano a absolverá em nenhum tempo: são os Arcos das Aguas-livres. Vêde os nossos artigos 918, 991, 992, 1164, 1259, 1456, 1468, 1493, 1535, 1542, 1556 1721, 1724, 1763, 1841, 1842.

Ao mais leve gemido em qualquer bairro, e a qualquer hora da noite, vinte apitos sibilam de todas as partes, e de todas as esquinas rebentam soldados, que ninguem via, os quaes, salvando a victima, se apoderam do malfeitor. O resultado é que as violencias, aterradas com a certeza do mallogro, teem desapparecido, e os ladrões se hão visto obrigados a exautorar-se, passando para a classe dos ratoneiros, gatunos, surripiadores, e malandrins.

A arte das alicantinas vai por consequencia fazendo progressos, contra os quaes importa que nos tenhâmos precavidos. Desde as fábricas de moeda falsa, até á simples surripiação de lenços, não ha ahi astucia possivel nem impossivel, que se não tenha executado.

Só faltava uma, que era empalmar a propria Guarda Municipal sem o ella saber nem presumir, e do seu uniforme, terror dos ladrões, fazer isca e anzol para andar pescando bolsas.

Isso foi o que se viu, ou o que se descobriu, a 28 do passado.

*

Andavam dois soldados municipaes rondando, pela volta das 7 horas da noite, nas ruas da cidade baixa, detendo e interrogando a quem lhes parecia mais comesinho para um chasco, e provavelmente ferrando-lh'o á queima-roupa.

Um d'estes patos foi João de Brito, mestre sapateiro no Paço do Bemformoso.

Cómica deveu ser aquella scena; mas aqui somos *historiadores*, e não *poetas*. Só podemos contar d'ella, que os dois camaradas, depois de convencerem ao seu interlocutor a depositar-lhes nas mãos o relogio, e 960 reis que trazia, o levaram prezo, para o irem apresentar (diziam elles) ao corpo-da-guarda da Praça da Figueira.

Postos a caminho, notou o mestre, que seguiam diverso rumo; e cahindo no que sería, começou a dar vozes de soccorro, com toda a afflição de um homem a quem se evaporam 960 reis, que se vê de subito condemnado a nunca mais saber ás quantas anda, e a quem, por epílogo de tribulações, querem persuadir que a Praça da Figueira se mudou para o Castello de S. Jorge.

Aos seus brados acodem verdadeiros Municipaes; e dos dois meliantes, que já haviam arrancado a fuga, um é colhido ás mãos, e conduzido (sem êrro de caminho) para a Companhia do Carmo, d'onde seguiu o destino competente.

Fôra desertor de Infantaria 4, depois soldado do 3.º Provisorio. Agora paizano vivia, como se vê, da sua industria. Reminiscencias da vida militar o fizeram tomar aquella farda por suas mãos; entretanto, a sua vocação para ella não era tamanha, que, vendo-se assim entre eguaes fardas, e no quartel do corpo, não mostrasse, pela expressão dos olhos e do gesto, que antes quereria dar ali mesmo segunda baixa, ou... até desertar se fosse possivel.

(Rev. Univ.)

LIX

Os Principes francezes

(Novembro de 1842)

Quinta feira ultima recolheram Suas Altezas a esta cidade e Reaes paços de Belem, d'onde já o senhor Duque d'Aumale no domingo ultimo pela manhan se abalou para Argel.

Posto que a estação os não favorecesse, a sua excursão até Coimbra não deixou de lhes ser mui saborosa.

Lá, bem como pelo discurso do caminho, á ida e á volta, nenhuma coisa das muitas que merecem ser vistas lhes escapou. Para melhor se gosarem dos praseres da viagem, procuraram constantemente desviar de em torno de si as peias e impedimentos de uma importuna grandeza, forcejando por não desmentir em nenhum ponto o seu incógnito.

Em Coimbra, por exemplo, onde para os hospedar se haviam custosamente adereçado os ricos paços de Santa Cruz, preferiram ir poisar na encolhida estalagem do paço do Conde.

O que dos estudantes d'aquella Universidade se lhes havia encarecido, as mil anecdotas das *caçoadas* classicas d'aquella terra,

de que levavam cheias as orelhas, os tinham predisposto para se haverem n'essa esgrima como quem ainda conservava a memoria fresca dos bancos das escolas. Entretanto, toda a estudantaria, que até fora da ponte acudiu, assim como os Doutores e Lentes, a lhes dar as boas-vindas, nenhum outro desafio lhes fez, senão o da mais extremada e officiosa cortezia, a que os dois illustres Hóspedes corresponderam pontualmente. Tão estreita se travou para logo entre todos a affeição, quasi de collegas, que aos dois jovens Militares cresceu cubiça de passear as ruas de batina; o que houveram feito, se no momento em que, já assim vestidos, se aprestavam para sahir, não viesse uma intempestiva e desatada chuva aguar-lhes o divertimento.

Em Rio-Maior passaram o serão dançando, cantando, e praticando familiarmente com o Commandante do destacamento que se ahi acha, e algumas outras pessoas, duas das quaes, em cartas que nos dirigem, não fazem fim de encarecer a sua amavel jovialidade, e o aprazivel d'aquelle serão.

Todas as povoações por onde passaram estão atónitas de ter visto Principes de França, mais lhanos e correntes do que qualquer morgadinho, marchante, ou deputado d'este Reino; e os estalajadeiros mais saudosos que ninguem pela magnânima franqueza do seu despender.

Tinham Suas Altezas descoberto em um dos seus commensaes, que o som da loiça e vidros, ao quebrarem-se, lhe contendia com os nervos, e o arripiava. Delicados na

arte de fazer o bem, e na de improvisar divertimentos, não houve d'ahi avante senão irem, no fim de cada refeição, despedaçando exactamente, e pagando com mão larga, quantos vidros e loiça viam diante. Até o melindroso ganhou com o brinquedo, porque dizem que sahiu tão bem curado com este remedio, que já pode sem perigo assistir ao desfecho de um jantar... britannico.

(*Rev. Univ.*)

LX

Injuria atroz a uma Nação

(Novembro de 1842)

Corre por todas as boccas, e acompanhada de commentarios (de que nós, pelos havermos por supérfluos, nos absteremos), a noticia de uma inaudita scena entre o Commandante e o Cirurgião de um brigue da nossa fiel e antiga alliada, a Gran-Bretanha, e os soldados da estação municipal da freguezia de S. Thiago do Castello d'esta cidade.

Passavam quarta feira da semana ultima os dois estrangeiros, galopando á rédea sôlta pela frente da sentinella; esta, fiel ás suas instruções, lhes ordena moderarem a carreira.

Nas ruas de uma cidade populosa não seriam necessarias taes instrucções ás sentinellas, se não houvesse homens deshumanos e desenfreados, para quem o comprar por um ou dois atropellamentos de mulher, de creança, ou de velho, o praser de uma galopada, não é por nenhum modo comprar caro.

Offendidos da petulancia, com que um Portuguez ousava dar preceitos a dois *lords*,

a unica resposta que lhe tornaram foi desandar o caminho, e repassar segunda vez com a mesma furia pela frente da mesma sentinella. Intima-os esta novamente; novamente egual resposta.

Era já mais do que se podia, militar e até humanamente, tolerar. O soldado, vendo-os prestes a repetir infinitamente aquelle estupido e villão acinte, carrega a baioneta para os forçar á obediencia. O soldado portuguez, a sentinella portugueza... ou antes: o Reino de Portugal, foi ahi esbofeteado por mãos inglezas. Os dois criminosos foram prezos, sim, mas sahiram sôltos antes de vinte e quatro horas.

Não affirmamos a exactidão de todos os pormenores, posto que sobre todos elles tenhâmos achado concorde a publica notoriedade.

(*Rev. Univ.*)

LXI

Alluvião na Ilha da Madeira

(Novembro de 1842)

Escreveremos a espantosa calamidade, que aos 24 dias do mez de Outubro d'este anno, de 1842, para consternação de todo Portugal, o feriu na mais formosa porção do seu territorio.

A Ilha da Madeira, o rico açafate de frutos, de flores, e de saude, posto por Deus para nós no meio do Oceano, jaz, em grande parte, destruida por uma alluvião, que, se para as vidas foi menos assoladora que a de 9 de Outubro de 1803, horrendamente lhe sobrelevou na perdição de todos os outros generos de riquezas. Não perdeu tanto a cidade do Funchal (com perder muito); padeceram mais os campos e povoados da terra a dentro.

Estamos rodeados de montes de documentos officiaes, papeis publicos, e cartas de summo crédito, que d'aquella Ilha acabam de chegar, conformes e unânimes; em suas relações podéramos ordenar volumes; limitar-nos-hemos em poucas paginas.

Decotaremos o que aos felizes e contentes já podéra parecer luxo de tristezas e lamentações; mas, dôa o que doer a quem escreve

ou a quem lê, descobriremos a ferida, quanto baste para que os medicos a conheçam, e lhe appliquem seus remedios.

Outros, que procurem em taes desastres o poetico, o romantico, o sentimental; nós preferimos o philosophico, o severo, e o util.

A sociedade é um corpo vivo; necessita de hygiene e de medicina. Os flagellos que sobre ella descarrega a Providencia, e que uma certa mysticidade semi-fatalista antigamente reputava inevitavel effeito da colera divina contra os peccadores, são na verdade punições, mas nem sempre dos peccados (no sentido theologico); muitas e muitas vezes proveem dos peccados politicos e sociaes.

No discurso d'este artigo teremos occasião de apontar, quaes foram alguns dos peccados terrestres, que trouxeram este accidente, bem como a cura que importa quanto antes applicar-lhe.

*

Por quasi toda a parte começou o presente inverno, temporão e furioso como poucos.

A Ilha da Madeira, que, entre os seus muitos condões para deliciosa, tem o de quasi não conhecer de estações senão a primavera, admirava já o pezo e abundancia das chuvas continuadas sobre ella desde as entradas de Outubro.

O 24 d'elle amanheceu ainda mais feio e carrancudo. A manhan se despendêra toda em chuveiros.

Quando veio entre as 3 e 4 horas da tarde,

cerra-se de improviso todo o ceo, infundindo sobre terra e mar uma temerosa noite, mais temerosamente entrecortada de clarões pelo contínuo afusilar dos relâmpagos. Disparavam com tal estrondo e porfia as bombardadas dos trovões, repercutidas e multiplicadas pelos eccos das serras, que se afigurava querer-se a Ilha afundir pelas entranhas do mar, o qual, havia já dias, lhe andava em derredor bramindo, como leão soberbo e espumoso em volta de um redil desamparado.

Com o rebate dos trovões, rompe-se das alturas caliginosas do firmamento uma tão possante massa de aguas, que não ha fôrça, nem industria, nem esperança, que lhe resista. Era um como novo mar, que se despenhava sobre o mar e sobre a terra.

Por mais de tres horas aturou, sem desfallecer, a tormentosa maravilha; os arroios eram regatos; os regatos, ribeiras; as ribeiras, rios caudalosos; toda a terra um lago revôlto, mas com tantas particularidades para medonho, que os olhos não viam n'elle a côr da agua, se não a negridão da propria terra que n'ella andava derretida. Os ouvidos estremeciam com as vozes afflictivas, que de todas as distancias se cruzavam nos ares, clamando baldadamente por soccorro, e com o estampido dos penedos grandes, rolando e entrechocando se no álveo das torrentes, estampido (por que o imaginem os que o nunca sentiram) semelhante ao do trovejar, se, pelo soturno e desusado, não era ainda mais horrendo. O tacto accusava o insólito retremer do chão debaixo dos pés;

nem o olfacto, finalmente, deixava de contribuir n'aquelle praso para o martyrio da imaginação, porque o bafo, que se levantava de toda a desfeita superficie das terras embaçava os ares com um fétido cadaveroso, que singularmente conformava com a lugubre disposição dos ânimos, e ajudava o terror, assim do homem como dos animaes sem entendimento.

*

Tres ribeiras caudaes, a de Santa Luzia, ou da Praça, a de S. João, ou S. Lazaro, a de João Gomes, ou de Nossa Senhora do Calháo, descem d'entre as serras do sertão, e atravessam a cidade do Funchal, entrando logo no Oceano.

A de Santa Luzia, ainda que não trasbordou, tal foi o seu furor, que arrebatou os grossos travessões, que a arte humana a grande custo lhe havia fabricado, a fim de lhe contrastar as furias; excavou profundamente o leito; descarnou as margens; e com tanta soberbia se arremeçava pelos mares a fora, que, até para mais de duzentas varas de distancia, não havia vaga, por alterosa que fosse, que lhe não cedesse refugindo ou desfazendo-se.

A de S. João, porém, como que agradecida ao desvelo com que a haviam educado, fazendo-lhe as convenientes obras de encanamento, e mantendo-lhe livre o álveo, correu sem se desmandar em seu impeto; e no que poupou de destruição, generosamente se veio a desendividar dos gastos que por ella se haviam feito.

A de Nossa Senhora do Calháo, a quem a mesquinhez do Thesoiro (*economia* lhe chamam) só acudira com uma ténue parte do muito que lhe era indispensavel, vingou-se: foi de todas a mais tiranna, e deu lição, que ha-de lembrar. Obstruiu a madre; trasbordou pelos campos; engoliu os maineis das pontes; alagou toda a rua de Santa Maria e adjacentes, subindo as aguas até aos primeiros andares das casas; arrojou diante de si para o fundo dos mares o Mercado novo, parte da bella Praça academica, e as proprias muralhas da sua desembocadura.

*

Para completar a calamidade d'este bairro, até o ribeiro da Nora, que lhe passa por uma das extremas, e que, por ter perto, e em terras chans, o seu precário nascimento, quasi todo o anno está sêcco, tomando apenas algum cabedal pelo auge do inverno, se derramou n'esta conjuncção, aluindo e arrazando a quanto encontrou na sua passagem.

Ficou pois o bairro varrido de muitas casas, e com muitas outras a soltarem-se em ruinas; muitos depositos de vinhos se perderam; muitos quintaes urbanos, e fazendas pelos arrabaldes, ficaram sem arvore, sem folha verde, sem muro em pé, e, em vez de terra e de verdura, tremedal semeado de cascalho e de calháos.

Insulada toda esta baixa entre o mar, o ribeiro da Nora, a ribeira de Nossa Senhora do Calháo, e um braço que d'esta rebentou pela parte do campo da Barca, viram-se

muitos de seus numerosos habitantes obrigados, para salvarem as vidas, a se valer de barcos, e fugir remando por onde havia pouco passeavam; sendo certo que, a durar a inundação uma hora mais, poucas pessoas e nenhum edificio lhe escapariam.

Outro braço, que da mesma ribeira se estendeu para o occidente, até ir pegar com o denominado Ribeirinho, lhe deu a este posses e ousadia para romper por tres partes, e invadir o bairro das Portas-novas, ruas do Ribeirinho-baixo, e da Laranjeira, e beco da Malta até á praça do Peloirinho.

Tambem aqui foram grandes as avarias; e egual scena á que temos visto no lado oriental da Ribeira se houvera representado d'esta parte, se os muros do forte de S. Filippe, em um dos extremos do largo do Peloirinho, arrombando-se, não dessem vasão ás aguas reprezadas, ensinando assim o caminho, que a arte lhes devia ter ha muito preparado. Mais vale uma escoante franca para as inundações, que são temerosos inimigos, do que um forte que não defende coisa alguma.

N'este largo se achava a casa da Administração do Concelho, com o seu archivo, cuja maior parte se poude salvar, posto que algum tanto damnificada por haver a agua subido até á altura de doze pés.

*

Fôra a calçada de Santa Clara havida em todos os tempos por um dos postos mais seguros, á conta da sua elevação; o proprio

diluvio de 1803 a tinha respeitado. Agora, porém, as aguas, descendo das vertentes superiores, e de quebrada em quebrada, e arrombando o caminho junto ao muro das Religiosas, tinham formado uma ribeira, que veio, desatada e feroz, excavando os alicerces a quantos edificios costeou até á egreja de S. Pedro, que em parte deixou afogada, estruindo-lhe o archivo parochial, e obrigando aos devotos a trasladarem d'ella, ao outro dia, o Santissimo Sacramento para a das Freiras.

Não parou aqui: corroboradas estas aguas com a juncção de outras, vieram exercendo o seu furor pela rua Nova de S. Pedro, forçando portas, cujo estrondo ao cederem remedava o da artilharia, alagando armasens de vinhos e outros generos, desembocando em grande enxurrada pela cêrca dos Franciscanos, destruindo alguns telheiros visinhos, abatendo muros de quintaes, e encaminhando-se pelo mercado de S. João, até inundarem uma casa que pela banda do sul lhe ficava contigua.

Se bem as aguas das ribeiras de Santa Luzia e S. João perdoassem ás ruas circumjacentes, não deixaram todavia de carrear para o mar grandes despojos campestres, moinhos, palhoças, plantações de canas e inhâmes, etc.; e em verdade, foi pelos campos e povoados do interior, e mais partes da Ilha fóra da Capital, que principalmente carregou a força da devastação.

E' cedo para nos constarem ao certo todas as particularidades; mas para nos horrorizar sobram as que já andam collegidas.



A's abas da cidade as freguezias da Camacha e do Canisso contam infortunios nunca por ellas experimentados.

Nas villas e concelhos de Santa Cruz e Machico, até Santo Antonio da Serra, não se limitou a calamidade ás fazendas, casas, e caminhos, se não que abrangeu a muitas vidas. D'ali se pediam alimentos, para acudir á extrema miseria de centenares de moradores, a quem a praga do vento, além das aguas, arrebatou até o derradeiro pé de seus inhâmes.

O Porto da Cruz, que, desde a borda do mar até ao pino das serras, patenteava um modelo admiravel de cultura, viu em poucas horas desapparecer a maior parte de sua riqueza.

A extrema freguezia do Fayal, fertilisada por algumas das mais caudalosas ribeiras, ficou um ermo; são pedregaes, o que outr'ora eram fazendas das mais férteis.

Das freguezias de S. Jorge, Arco, S. Vicente, Ponta Delgada, Porto do Moniz, e das mais até á Calheta, ainda não era chegada senão uma vaga fama de damnos publicos e privados.

A villa da Calheta quasi desappareceu; e na freguezia do mesmo nome foram desmedidas as lástimas.

Na do Arco da Calheta, de algumas havia tambem noticia.

Na da Magdalena foi cabal a destruição, e grande a mortandade.

Na dos Canhas ficaram derrotadas os bel-

los arvoredos que a povoavam, desapparecendo até o afamado castanheiro secular, visitado dos viajantes, conhecido dos estrangeiros, e em cima do qual, mais de uma vez em bellos dias, se haviam assentado á meza, jogando ou banqueando-se, os desenfadados.

A villa e freguezia da Ponta do Sol pouco padeceu; mas as de Tabúa, Ribeira brava, e Serra d'Agua, deploram estragos excessivos. D'ahi até Camara-de-Lobos vão elles de sobra em numero e valia.

As restantes freguezias, correndo pelo circuito até vir fechar com o Funchal, não foram mais bem livradas.

Emfim: de toda a parte, e a todas as horas, entram na cidade cardumes de camponezes consternados, com suas mulheres e filhos, para lhes valerem e se remirem.

A superficie da Ilha jáz quasi irreconhecivel; desappareceram as pontes e a maior parte dos caminhos; desfizeram-se ou transformaram-se os predios rusticos; muitas casas fugiram; muitas se atterraram; muitas pendem fendidas e decrépitas; por duzentas ou mais orçam já a sua totalidade.

¿E que será do futuro? Se a descuriosidade em trazer as ribeiras desimpedidas, fortificadas, e prestes, foi a primeira e principal ré de todos estes maleficios, ¿quem não prevê, que, deterioradas ellas em tanta maneira, como agora ficaram, se franca, se franquissimamente o Governo lhes não acudir, se, antes de feitas e perfeitas as obras indispensaveis, lhes fechar a bolsa, a primeira provação que d'este genero lá man-

dar a Provideneia poderá não deixar já materia a estragos novos.

Ter-se-ha poupado algum oiro; mas ter-se-ha perdido a Ilha da Madeira, a mais invejavel e a mais invejada das nossas joias.

*

Não se necessita aqui de luzes de címa para ser propheta. ¡Que de vezes, isto mesmo, que hoje deploramos, o não predisse no Parlamento, á face do Governo e da Nação, um zeloso e digno filho d'aquella optima terra portugueza, o nosso illustre amigo o Dr. Lourenço José Moniz!

Affectou-se incredulidade, para córar a indifferença. Pretextou se economia, para palliar a mesquinheza. Fizeram-se calculos abstractos, para illudir as evidencias dos calculos positivos. Alardeou-se, como dogma, a maxima retumbante da egualdade, como se todas as partes do territorio fossem eguaes em precisões; como se, para encanar torrentes, se houvesse de dar tanto ao Alemtejo, que se morre á sede, como a outra provincia cujas aguas a chegam a afogar.

Se todos esses sophismas tivessem a tempo emudecido; se a pequena somma requerida pelo Deputado, fiel ao seu mandato, se tivesse dado e empregado; não sería hoje forçoso acudir contra as torrentes de agua com torrentes de oiro; e se hoje nos não fizermos n'elle, dentro em um anno talvez será já superfluo o cogitarmos em remedios.

Convençâmo-nos emfim d'esta verdade: que o bem de uma Nação, como quer que

ella se ache dispartida, é um e indivisivel; e que o pugnar pela felicidade de qualquer parte d'ella é pugnar pela felicidade do seu todo.

O Deputado da Madeira, sabedor das particularidades do seu paiz, requer para elle as providencias especiaes que lhe conveem; merece bem de todo Portugal, como de todo Portugal se ostenta inimigo o que, por um liberalismo de obra grossa, por uma submissão insensata a axiomas mal entendidos, procura nivelar as desegualdades naturaes; e para isso, quando não pode altear os valles, forceja ao menos por derrubar os montes; como se de uns não dependeram os outros, e da variedade e diversidade harmonica das partes, não resultasse a belleza e perfeição do mundo pysico, do mundo moral, e do mundo social.

Infelizmente o escarmento foi rude e severo. ¡Assim não tivesse elle cahido sobre tantos innocentes!

Os prejuizos já conhecidos d'este cataclysmo, estimam-n-os em cinco milhões de cruzados, não contando os irreparaveis, os das pessoas que pereceram; as quaes já sabidas passam de cincoenta.

*

Uma coisa nos consolou no meio de tamanha tribulação: e foi, ver que ainda ha ahi virtudes civicas nos prepostos aos destinos publicos. As Autoridades da Madeira manifestaram energia e zelo não vulgar; no que, foram acompanhadas por muitos ou-

tros cidadãos, especialmente mancebos. Alguns, na maior furia do perigo, não hesitaram em arriscar a vida por salvar a alheia. Pesa-nos o não podermos escrever esse capitulo.

Rara porta deixou de se abrir para hospedar aos que não tinham poisada. Nenhum pobre negou metade da sua fatia ao mais pobre do que elle. Nenhuma bolsa, convidada ao banquete commum da beneficencia, deixou de se abrir com prontidão. Nenhuma voz, das que podiam ser ouvidas ao longe, deixou de bradar ao Throno por soccorro; e, para maior consolação ainda, nenhum dos Ministros do Throno deixou de prometter, para esta chaga nacional, o pronto e efficaz balsamo possivel, ainda á custa de penosos sacrificios.

¿A esta santa conspiração de beneficencia haverá cidadão entre nós que se não honre de pertencer em sendo convidado?

A inundação de Vallada, o incendio da Costa, o terremoto da Villa da Praia, os Asylos da infancia e da velhice, tudo nos responde que não.

*

Aqui nos cerramos por hoje.

Os naufragios, com que o mar, no dia 26, procurou imitar os desconcertos da terra, depois das paginas que se acabam de ler seriam insoffrivel acrescimo de amargura, assim para o narrador como para os ouvintes.

(Rev. Univ.)

LXII

Os naufragios da Ilha da Madeira

(Novembro de 1842)

Vimos a perdição, que na Ilha da Madeiro cahiu pelos fins do mez passado.

Primeiro que nos tornemos lá para dentro a considerar os remedios com que importa se lhe acuda, e as cautellas com que se poderá occorrer a calamidades semelhantes, desempenhemo-nos da nossa palavra, memorando agora os naufragios que a rodearam.

*

Já, dias antes da alluvião, andava o Oceano alterado com ventanias de entre sul e sueste, como que ensaiando-se para as façanhas que premeditava.

Tanto os moradores da terra, que já não arredavam os olhos de sobre as vagas, como os navios, que por entre ellas se andavam acossados e espavoridos, previam desastres infalliveis, e se aparelhavam, não a falseal-os, que não podia ser, mas a se compor com elles, por lhes minorar a intensidade. Intendiam os da terra no como haviam de acudir aos futuros naufragos; os maritimos, parte

em se desviarem d'ella, parte em escolher com tempo o seu proprio naufragio, e dirigil-o com acerto.

A barca «Elisa», que da Ilha recebêra emigrados para o Brazil, e da qual piloto e capitão eram já fugidos para o chão firme, a barca «Elisa», vogava ao desamparo, e parecia condemnada a expiar com a sua propria aniquilação o crime de andar espoliando a terra alheia. Magnânimos, até para os seus despovoadores, acudiram-lhe os Portuguezes.

Depois que o official de Marinha Castello Branco, seguido de uma companha de valentes maritimos, lhe retomou e repôz no solo natal os imprudentes e illudidos fugitivos, outro Official, tambem de Marinha, Mauricio do Couto, sobe a ella, toma o commando, salva-a. Poucos dias apóz eram entrados pela barra do Tejo.

Com a «Elisa» abalroára a galera americana «Mary Kingland»; e n'esse lance, em que lhe fez perder as vergas, houvera-se ella mesma ido a pique, se, cortando súbito as amarras, não refoge para o largo.

«Success», outra galera ingleza, só a muito custo consegue, á força de vella, arrancar-se da fatal proximidade da terra, onde estava surta.

Outro tanto, no conceito de peritos. deveram de ter feito os demais navios, que todos por ventura o podiam, a fora a triste da «Gloria-Madre-Esperança», a qual havia perdido o gurupés abalroando.



Vai nas 11 da manhan do dia 24; chega o vapor inglez «Dee»; traz cincoenta e dois passageiros, que veem, segundo o costume, invernar agradavelmente na Ilha.

O temporal que o recebe, lança a seu bordo a confusão e o terror, que elle mesmo infunde aos que de fora o contemplam.

Alguns maritimos insulanos, com a generosa ousadia, que distingue os homens afeitos aos perigos de um continuo lutar com o elemento mais indómito, arremeçam-se sem hesitação ao mar, atropellam as ondas, investem a morte, arrebatam e conduzem sãos e salvos os passageiros ao estreito caes da Pontinha.



Por espaço de um dia, ondas e ventos descançam um pouco, para reassumir todas suas furias. Amanheceu o 26 com pavorosa catadura; o vento andava sueste; salta de improviso ao sul; o mar levanta-se ferocissimo, investe e salteia as praias, ostenta querer engulir a Cidade e mais a Ilha, Cidade e Ilha já áquella hora assoladas da inundação.

Das 4 para as 5 da tarde vê-se andar garrando o brigue americano «Créole»; forcejou em vão por ganhar o largo; lá vem abicando por entre o Ilheo e a Pontinha; encalha na praia, e jaz.

Grande turba havia para ali confluido, mandados uns pelas Autoridades, outros a impulsos de sua mesma indole compassiva;

e em tão boa hora, que os naufragados estão seguros.

Vem cerrando cada vez mais o escuro do temporal e da noite. Teem-se visto, e sabem-se pelas ondas outros navios em egual apêrto; acendem-se pelas praias fogueiras grandes de alcatrão, e feixes de archotes, que ahi vão girando ao longo da costa, como denuncias da terra, e reclamos para o naufragio, o qual (¡tantos são os perigos de todo o mar!) já como remedio se apetece. Mas o vento, como que acintoso, ao mesmo tempo que dissemina a morte por entre as ondas, anda apagando com indignação os faroes que lh'a poderiam mallograr. Com todos os elementos lutam aqui os homens por todas as partes.

Eis que, para lá do forte de S. Lazaro, encalhou a escuna ingleza «Wave». Vão perecer todos; mas a todos os livrarão alguns mancebos intrépidos, que, por cima das fragas horrorosas em paragem que nem em dia claro e bonançoso é isenta de perigos, se arremeçam a soccorrel-os.

*

Estão batendo as 8 horas da noite. Na extremidade occidental da Praça da Rainha vem fracassar-se o formoso patacho portuguez «Novo Beijínho». Filho de Setubal, em negra hora encetara elle a sua vida aventureira. Nem a sua mocidade, nem a sua lindeza, nem a amorosa estreia do seu nome, lhe valeram. N'uma praça de passeio ahi jaz metade do seu cadaver; e dos onze compa-

nheiros do seu destino, tres desappareceram engulidos pela ressaca.

*

Sobre este novo hospede d'esta terra vem correndo um já antigo e costumado visitador d'ella, um bergantim inglez, o «Dart», que em vão presumira segurar-se com as suas duas grossas amarras de ferro. Ambas ao mesmo tempo lh'as rebentou a soberba do temporal, atirando-o, como por escarneo, á mesma praça, e ao mesmo ponto d'ella, em que jazia o pobre filho do Sado.

Scena é essa de confusão e pavor.

Por cima do esqueleto do «Beijinho», unico intervallo que separa da terra o bergantim, vêem-se, á perturbada e intermitente luz dos fachos, ir e vir em desordem os salvadores e os naufragos: estes, procurando desorientadamente a vida; aquelles, reconduzindo-os a ella com perigo da sua.

*

N'este passo, glorioso como outros muitos para os filhos da Madeira, não havemos deixar sem particular menção o nome do snr. Jacintho de Freitas Lomellino, que ahi exaltou a sua humanidade a grau de heroica, bem como, no encalhar da escuna ingleza «Wave», o havia feito o snr. Henrique Crawford, não Inglez (como o seu nome inculcaria), se não Portuguez de nascimento.

*

Ao tempo que o patacho perecia, por semelhante e ainda peor transe passava a «Gloria-Madre-Esperança». O como da sua perdição não ha sabel-o. Teem uns, que se destruira na praia á bocca da Ribeira da Praça; outros, que á desembocadura da Ribeira de Nossa Senhora do Calhão; outros, que defronte do pilar de Banger; e outros, finalmente, que sem chegar a terra sossobrára.

Como quer que fosse, ninguem dos que lá vinham appareceu, e do proprio casco, só alguns raros e diminutos fragmentos se enxergavam ao outro dia flutuando.

*

Em quanto estas coisas se passavam ás abas da Ilha, outras embarcações, além da «Elisa», andavam pelas aguas circumvisinhas gravemente trabalhadas; das quaes, só duas apontaremos, por serem ambas portuguezas.

O brigue-escuna «Funchal», que julgavam perdido pelas alturas da Ilha Selvagem só dias depois poude ir surgir diante da cidade do seu nome.

A «Aguia», que de Lisboa navegava para lá, e em sós tres dias era chegada á vista de Porto Santo, em tamanho aperto se viu n'essa altura com o temporal, que passageiros seus, já praticos do mar, e dos mares de todo o mundo, houveram por inevitavel o perdimento. As vellas rasgam-se e vôam; parte da mastreação desarvora; a corrente

do leme rebenta; o mar entra e corre a seu sabor por todas as partes.

Grande era o numero de pessoas de ambos os sexos, assim nossas como inglezas, que n'essa viagem se iam para saude ou negocios demandando a atribulada Ilha.

Não ha côres para descrever a consternação de todas ellas, o confuso dos seus clamores, o fervoroso das suas orações, o afflictivo das suas promessas. Algumas damas inglezas a si mesmas por sua mão se amortalhavam, ajudando se já com as rezas do passamento, abraçando as suas companheiras, e despedindo se até proximo encontro na Eternidade.

Valeram o accôrdo e exfôrço do joven Capitão e seus marinheiros, que, sem embargo da evidencia do perigo, que a elles mesmos lhes arrancou votos, surdos aos offerecimentos de saccos de oiro, com que as mulheres os incitavam a arribar, e prevendo que peor fortuna os podia aguardar nas costas de Portugal, ou Hespanha, do que n'aquelle inferno de vagas, teimaram em pelejar, com as forças e com a destreza, contra os elementos conjurados, e venceram.

Tambem aqui havemos de particularisar um nome (que desejamos nós ser, em todos os casos, distribuidores de elogio aos dignos d'elle); o snr. Duarte e Silva, que levava a bordo a sua esposa, correu ás manobras, ajudando-as com o seu ânimo e exhortações, e não fugindo, nem quando mais cerrado andava sobre todos o desalento.

*

A escuna de guerra «Esperança», que foi a primeira portadora das fataes noticias a este porto, fôra ella mesma tambem testemunha e alvo da memoravel tormenta, sob cujo pezo andou largamente correndo em arvore sêcca, açoitada e perseguida.

*

As providencias, que na terra se tomaram para acudir aos naufragados e suas fazendas, foram energicas e efficazes.

Quasi toda a carga do «Dart» e do «Beijinho» foi salva; das embarcações que pereceram, postos a recado os remanescentes; e sem embargo do costume velho, geral, e barbarissimo, de se desacatar em semelhantes lances o veneravel, e ainda então mais venerando, direito da propriedade, não só poucas houve d'estas violencias, se não que das *poucas*, a uma parte se occorreu que se não commettesse; outra, depois de commettida, se restituiu.

Autoridades e empregados cumpriram exemplarmente os seus deveres. Nomeal-os a todos, não o podemos; mas tambem, não devemos preterir com ingrato silencio os nomes do Governador Civil, o Ex.mo Snr. Domingos Olavo Corrêa de Azevedo, do Governador militar, o Ex.mo Snr. D. Miguel José de Noronha, e do Administrador do Concelho do Funchal, o Ill.mo Snr. Manue de Sant'Anna e Vasconcellos.

(*Rev. Univ*)

XLIII

O monumento de D. Pedro

(Novembro de 1842)

¡E publicou-se isto!:

«A Commissão, creada por decreto de 17 de Outubro ultimo, para promover os meios de erigir um Monumento á Memoria de Sua Majestade Imperial O senhor Duque de Bragança, Dador e Restaurador da Carta Constitucional e da Liberdade da Nação Portugueza, desejando que a obra seja digna do grande Objecto a que é destinada; convida a todos os artistas que quizerem apresentar-lhe um desenho de monumento com uma estátua, para ser erigido na praça de D. Pedro da Cidade de Lisboa, a enviar-lh'o até ao fim de Dezembro do corrente anno.

«A Commissão suppõe este praso sufficiente, persuadida de que todas as pessoas, nas circumstancias de emprehenderem o risco, se apressarão a apresentar-lh'o, considerando-se já esta offerta um serviço, e um tributo pago á memoria do Augusto Libertador; prevenindo-as de que elle deve ser acompanhado de uma memoria descriptiva e do respectivo orçamento; bem como, de

que o nome do autor do desenho preferido será gravado no pedestal do mesmo Monumento.

«Lisboa, e sala da Commissão, em 11 de Novembro de 1842.

«Duque de Palmella
«Marquez do Fayal
«Conde do Farrobo
«Visconde de Porto-Côvo
«Polycarpo José Machado
«José Bento de Araujo
«José da Silva Carvalho
«Antonio de Gambôa e Lis.»

*

Todo o escriptor publico de consciencia tem, para com a sociedade, officio e deveres de medico. A cada molestia, ou chaga, hade applicar o seu remedio proprio; e não ha-de cançar, nem descançar, em quanto o enfermo, ou se não levantou ou não morreu.

Em quanto se podér acudir áquella grande parte do credito portuguez, que se acha intrinzecamente ligada com a historia e edificação d'este Monumento, havemos de pugnar a bem do que fôr justo e decoroso; e assim, antes de tudo nos parece que não andou o Governo bem aconselhado, quando para tal fim nomeou tal Junta.

Conhecemos, e são notorios, os merecimentos e mais partes, que concorrem em todos os membros d'ella; mas artistas que fossem (que nenhum d'elles o é) a escolha e approvação do risco para essa obra nacio-

nal, só a um jury nacional e artistico deveria competir.

¿Por que se fundou, e se mantém, a grande custo, uma Academia de Bellas-Artes?

¿Por que se procuraram para os seus diversos magisterios os Professores mais idóneos?

¿Por que estão elles encarregados de doutrinar e dirigir a mocidade estudiosa?

Evidentemente, porque se entendeu que, por suas luzes, préstimo, e zelo, eram mais acommodados que ninguem, para manter no templo da Arte, entre nós, o seu fogo perpétuo.

Cumpria, logo, que, onde tivessemos para fazer uma obra artistica nacional, ou a elles francamente a encommendassemos, e tal a aceitassemos qual sahisse de suas mãos, pois não ha ahi instancia artistica superior á sua ou que, pondo a encommenda em hasta publica de talentos, a este mesmo tribunal supremo deixassemos o propôr as condições technicas da obra, o confrontar e comparar os programmas dos concorrentes, e o sentenciar a final sobre a preferencia.

Para fora d'estes dois arbitrios, não havia terceiro, que fosse logico, legitimo, ou decente.

Enganou-se e errou pois o Governo, criando esta Junta externa e profana. Estabeleceu um arésto, segundo o qual os estudantes de Medicina poderão ser examinados pelos professores da Escola Polytechica, e os artilheiros pelos mestres da Aula do Commercio; os negocios da Jurisprudencia, decididos pela Sociedade pharmaceutica; e os

das artes e officios, pela Associação dos Advogados; e nada ha, nem mais repugnante, nem mais nocivo em um Estado, do que este correr dos interesses por fora dos seus álveos naturaes.

A boa policia da Republica, em tres palavras a cifrou, sem o cuidar, um poeta romano: *tractent fabrilia fabri;*

Tratem ferreiros do que toca a ferro;

e em quatro o sabido rifão: *ne, sutor, ultra crepidam;*

O sapateiro de sapatos cuide.

E a rasão é porque, sobre dever suppôr-se a cada um mais sabedor do seu do que de outro qualquer officio, tambem se deve presumir que, para com as coisas d'elle ninguem lhe ganhará em amor e boa-vontade.

*

Nada tem, nem terá nunca, o nosso Jornal que ver com as *politicas*; ajude Deus aos Governos, que lhes não faremos nós opposição. Mas a verdade, essa ha-de ir sempre aqui pelo seu direito caminho; e pouco se nos dá de saber a quem pertencem os dominios por onde ella corre.

Dizemos portanto, e repetimos, não que se quiz errar, mas sómente que se errou (e êrro grave que elle foi), defraudando ao Jury *artistico* de um seu direito inquestionavel; e ao Publico, entregando a obra do Publico á agencia e superitendencia de meros *curiosos*.

Que os oito illustres cavalheiros recebessem o honroso encargo de andar promovendo a subscripção, bem estava. Poderiam, pelos respeitos que a sua opulencia lhes grangeia, desempenhar-se d'elle admiravelmente. E este sería (quanto a nós) o primeiro pensamento do Ministro; ao de mais, arrastou-o provavelmente, ou inconsideração, desculpavel, e ás vezes inevitavel em quem vive afogado em negocios, ou alguma consideração, que tambem ás vezes, por inevitaveis, não são ellas menos crédoras de desculpa. Se consideração foi, não nos toca moralisal-a, nem a conhecemos. Se foi inconsideração, temos direito para esperar, que, pelos mesmos fios por onde se urdiu, se destrame a teia, e se reponham as coisas onde cabem.

*

Passemos, porém, do que fizeram os nomeadores, ao que estão fazendo os nomeados.

*

«Desejando—diz a Junta—que a obra seja digna do grande Objecto a que é destinada, convida a todos os artistas, etc.»

Uma palavra esqueceu aqui á Junta, cuja necessidade nós lhe haviamos demonstrado no nosso artigo 964 [1], cuja indispensabilidade nenhum Portuguez deixa hoje de reconhecer, e cuja omissão (¡omissão incomprehensivel) vai tornar forçosamente nullo o effeito de tal convite.

[1] Pag. 87 e seguintes d'este volume.

Convida a Junta a todos os artistas; quando os que havia de convidar eram só os artistas *nacionaes*, e declarar desde logo, e mui explicitamente, que as proposições de quaesquer outros por nenhum modo seriam aceitas.

A falta d'estas quatro syllabas, *na-ci-o-naes* que, não sabemos por quê, tão difficeis parecem de pronunciar, fará, afoitamente o predizemos, que nem um só risco portuguez será enviado a tal concurso, podendo desde já contar o snr. Lodi com a delicia de esculpir no pedestal do Monumento *il suo nome* FORTUNATO, por baixo do nome de Dom Pedro.

*

Mais de uma prova podéramos exhibir da affirmativa; mas basta uma.

Rogamos que se leia com attenção a carta que ha já duas semanas recebemos, e que, por sua autographia, na falta de assignatura, nos revela haver sido o seu autor um de nossos architectos mais distintos.

«Snr. Redactor.

«Tive o gosto de receber, dirigido a mim por letra do snr. Fortunato Lodi, encarregado do plano e edificação do novo Theatro Nacional, o n.º 10 do periodico *Espelho do Palco*. Senti-me entrado de admiração e reconhecimento com esta inopinada offerta; depois me occorreu que poderia vir ali a resposta, bem que tardia, ás prudentes e cathegoricas perguntas, que eu havia tido a honra de lhe endereçar no n.º 2:117 do *Nacional*.

«Mas o papel, com que o snr. Lodi me

brindava, só tinha por alvo, segundo pude deprehender da sua leitura, por muitas vezes repetida, o destruir a impressão da analyse, que ao risco theatral do mesmo snr. Lodi havia feito e publicado o Exmo Snr. Visconde de Villarinho de S. Romão. Era, de mais, um desafogo que elle pretendia tomar contra o desacato que á sua italiana majestade haviam tambem feito, á imitação do snr. Visconde, os escritores da *Revista Universal*, portuguezes, amigos e defensores de tudo que é portuguez. Era finalmente uma vingança, que presumia tirar, dos tres autores d'esses artigos, e contra os tres milhões dos que os approvam, por conhecerem e detestarem o capcioso procedimento posto por obra, como é notorio, contra os architectos portuguezes concorrentes; os quaes, apesar dos arrasoados do *Espelho do palco*, não poderão jamais incluir em o numero de seus generosos contendores ao snr. Lodi, que, em vez de justar com elles na arena artistica, esteve aguardando de longe o desastroso termo da luta, coadjuvando depois o enterramento dos mortos, e arvorando sobre as suas campas razas o estandarte de um triumpho imaginario.

«Não me farei cargo de demonstrar até que ponto podem os tres aranzeis, insertos no papel, que o snr. Lodi recommendou á minha leitura, destruir as serias reflexões do snr. Visconde, relativas ás inconsequencias do projecto em questão, por saber que aquelle fidalgo não carece do meu ineficaz auxilio, para rebater, uma por uma, todas as asserções ali expendidas.

«E ainda que tenha já formado o meu juizo a respeito do que pode vir a ser, e de quanto deve custar aos crédulos Portuguezes, o novo Theatro, não só pelo que observei nos differentes pormenores do plano, mas tambem pelo que geralmente notam os entendedores, á vista do methodo com que se fez o orçamento da obra, e do como vão procedendo o snr. Lodi, italiano, e o seu valente Cirenéo portuguez, n'aquella construcção, estou firmemente convencido que não é possivel, não é prudente, não é necessario, nem é util, antecipar quaesquer ideias; não só porque ainda ninguem sabe, ao certo, em que termos deve ficar o plano, que o snr. Lodi está todos os días alindando muito a seu salvo, segundo lh'o permitte a *carta branca* que lhe outorgaram, no mesmo dia em que foram mettidos em despótico conselho militar os illudidos concorrentes portuguezes, mas tambem por julgar eu, que as Obras de Misericordia não devem ser tão elasticas, que aproveitem áquelles que contra ellas se revoltam. Appareça o cadaver *Quasimodo*, que os facultativos só á vista das feridas, fracturas, e contusões, é que podem e sabem fazer um exacto *corpo de delicto*.

«Resta-me somente dizer ao snr. Lodi: que os architectos portuguezes não querem aceitar, nem podem agradecer, o seu convite para o concurso do plano do Monumento, que deve ser erigido em honra de Sua Majestade Imperial o senhor D. Pedro, Duque de Bragança, de saudosissima memoria; e isto por motivos assaz obvios, quaes os de não considerarem o snr. Lodi devidamente

autorisado para lhes fazer um semelhante convite; e, ainda quando o estivesse, não iriam ao reclamo tão facilmente. Se tornarem a entrar em algum concurso, ha-de-se-lhes provar primeiro, que os seus juizes, para bem julgarem do que os mais fazem, sabem tambem fazer o que julgam. E de mais: o snr. Lodi, segundo a eminente cathegoria de *architecto civil*, a que o elevaram os seus poderosos Mecenas, vale por todos os concursos, e por todos os architectos portuguezes, passados, presentes, e futuros.................

«Se a V. parecerem justas estas mal alinhavadas reflexões de um artista menoscabado, e ultimamente provocado, dê-lhes publicidade nas columnas do seu luminoso periodico; do contrario, fiquem ellas tão esquecidas e ignoradas, como o seu autor.

«Lisboa, 10 de Novembro de 1842.

«*Um dos architectos concorrentes*».

*

Não ha falar mais desenganado, nem mais portuguez.

Se, pois, a Junta não deseja, por uma estratégia fraudulosa, afastar toda a sombra de concorrencia, para que o forasteiro cinja o loiro sem haver combatido; se pretende, sinceramente, nobremente, e patrioticamente, ver entrar no estádio os engenhos *nacionaes*; reforme o seu convite: acrescente-lhe as quatro syllabas degradadas; e verá como a terra que Dom Pedro redimiu não é (segundo pretendem inculcar a toda essa Europa) um ninho e viveiro só de barbaros e ignorantes.

*

«Monumento com uma estátua»—diz tambem a Junta; e é essa outra clausula que necessita de reforma.

Um monumento lhe pediu o Governo; *um monumento* é o que ella só está autorisada para pedir.

E de mais: ¿quem, para mandar ao genio que vôe, começou jamais por lhe atar as azas?

Deixae ao artista a escolha dos meios, com que ha-de produzir o seu effeito.

Ha monumentos *sem estatuas,* mais sublimes que todas as estatuas.

Imaginae trezentas, concebidas e executadas por Phidias, por Machado, ou por Thorwaldsen, que digam tanto, como aquelle padrão, que um artista inspirado riscou para Voltaire: um simples tumulo, e de dentro d'elle levantando se um braço colossal e firme, que arvora um immenso facho.

N'esta parte, mais somos generosos do que infestos ao snr. Lodi. Temos estatuarios, temos dignos discipulos do Autor da Estátua equestre; e o snr. Lodi, segundo nos affirmam, não é verdadeiramente mais do que pintor (não sabemos de que genero).

Temos escultores, que em qualquer concurso honesto se apressariam a ir colher palmas. Temol-os, e desejamos-lhes triumphos, porque são gente da nossa terra.

Mas achamos illiberal, mesquinho e anachronico, fazer se da gloria do Libertador uma especie de oiteiro de abbadessado, e ver a Ex.ma Junta, do alto do seu balcão,

dando aos talentos um mote para glosarem: «Monumento com estatua».

*

De duas coisas poderia a Junta haver certeza, se persistisse em não emendar o seu convite:

1.ª—de que, apesar de majestaticamente prometter aos concorrentes, que a offerta do seu risco será considerada *como um serviço*, nem um só artista nacional irá, como na antiguidade os Reis vencidos, puchar o carro triumphal ao snr. Fortunato.

2.ª—de que, á hora de sahir com a bacia pedindo esmola para o monumento do snr. Fortunato, não ouvirá cahir n'ella uma unica moeda de cobre com a legenda PORTUGALLIÆ ET ALGARBIORUM.

Bem sabemos que a Junta se compõe de opulentos e generosos, que poderão á sua custa, fabricar padrões de diamantes em vez de marmore, fundir estatuas de oiro em vez de bronze. Sim; mas um Monumento, assim feito, será da Junta, e não da PATRIA; será do snr. Fortunato, e não do SENHOR DOM PEDRO; será de tudo... menos de Gloria.

*

Quanto a nós, a nossa oblata, pequena qual nol-a consente a pouquidão da nossa fortuna, ha-de ser consagrada á lembrança do Principe que louvámos em vida, e que ainda depois de morto estamos defendendo. Ha-de-lhe ser pontualmente apresentada.

Mas ¿sabeis onde?

No cofre dos Asylos da velhice ou da infancia, que elle fundou e protegeu; ou na bolsa que se abrir para receber os soccorros, que hão de ir estancar algumas lagrimas aos nossos perdidos irmãos da Ilha da Madeira.

*

Paramos aqui.

Se a Junta desfizer honradamente a sua obra, em louvores lhe daremos centuplicado o que lhe démos em censura.

Se o Governo, pela sentir contumaz e incorrigivel, a dissolve, e transfere a sua commissão para onde verdadeiramente ella pertence, pregoaremos esse feito, com uma das mais magnânimas heroicidades, de que ha memoria nos fastos governativos.

(*Rev. Univ.*)

LXIV

Papel

(Dezembro de 1842)

Tivemos occasião de visitar a grande fábrica de papel, que o snr. Gitton, naturalisado cidadão portuguez, está organisando na rua Formosa.

O edificio, pertença do chamado *palacio do Ratton*, offerece todos os commodos para o intento: vastidão e numero de casas para todas as officinas, abundancia d'agua, etc.

Segundo todas as mostras já vão augurando, será este estabelecimento um exemplar para a Industria a que é destinado, pela engenhosa e concertada distribuição de todas suas partes, de que resultará muita economia de operarios, muita simplicidade no tráfego, muita expedição no fabríco, boa ordem na arrumação e expedição, possibilidade e facilidade de superintender e olhar por tudo.

Um vapor, da força de 16 cavallos, infunde movimento á machina, que pode dar, em cada vinte e quatro horas, quatrocentas resmas de papel. O papel, que sai pronto d'entre uma série de enormes cylindros de ferro, tem mais de duas varas de largura, e de comprimento quantas milhas e léguas se

desejarem. E' uma corrente alva, ìmmensa, e velocissima, que se vê sahir perennemente das entranhas de ferro do aparelho, como um rio caudal rebenta do seio mysterioso da terra.

Ferros cortantes, que se collocam firmemente nas distancias que se arbitram, retalham esta ampla teia, segundo a largura de que se desejam haver as folhas; outros gumes transversaes e volantes lhes talham o comprimento; e um chuveiro de folhas, perfeitas e eguaes, vem cahir em baixo com uma rapidez prodigiosa.

N'esta machina se produz, segundo a qualidade da massa, e a maior ou menor proximidade mútua dos ultimos pares de cylindros, toda a qualidade de papel de escrita, de impressão e de estamparia.

Quando tudo se achar em exercicio, o que o snr. Gitton espera se realise para Janeiro ou Fevereiro (de 1843), convidaremos os nossos leitores da Capital a visitar o estabelecimento. Será isso para elles um espectáculo; e para os amigos da nossa Industria, que deploram o enorme dispendio, que n'este genero estamos fazendo em beneficio de alheios paizes, o mais delicioso de todos os espectaculos; porque a fábrica do snr. Gitton, trabalhando de dia e noite, desde a primeira até á ultima hora do anno, deve produzir, não só quanto baste para o nosso consumo, se não talvez ainda para alguma exportação.

Aos nossos leitores das provincias, que não poderão gosar d'este espectaculo, forcejaremos por lhes descrever o apparatoso do machinismo, o admiravel do seu trabalho, o copioso do seu producto.

Por agora, só lhes diremos, que o metal (ferro e cobre) que já se acha d'aquellas portas a dentro, péza 3:200 arrôbas, e que a principal caldeira para a massa do papel tem capacidade para vinte e cinco ou trinta pipas.

Duas são, principalmente, as vantagens que já d'aqui podemos antever por esta fundação:

1.ª — o aperfeiçoamento do nosso papel, que ainda até hoje não deixou de ser deploravel;

2.ª — a diminuição dos preços d'este indispensavel genero, que não contribuirá pouco para dar incremento á Literatura e á Civilisação; e esta diminuição é infallivel, já pela grande facilidade que haverá no fabrico, já tambem (e principalmente) pelas materias primas que o snr. Gitton tenciona empregar, que, sendo excellentes, são comtudo de infimo custo, por serem abundantissimas na Natureza.

(*Rev. Univ.*)

LXV

Escola de nado

(Dezembro de 1842)

Todas as vezes que vemos o que leva de vidas cada súbita inundação, e pensamos nos tantos milhares de infelizes, que em naufragios e outros desastres de agua, se teem perdido, não chegamos a entender como é que do nadar se não tem feito, em toda a parte, um ponto cardeal de criação. Assim o praticaram na Grecia alguns povos, e assim o usam muitos das regiões do norte, e quasi todos os da Allemanha.

Para melhor insinuarmos este alvitre, que, sobre ser de facil cumprimento, e summa utilidade, tem por si o ser tambem mui gentil recreação, digâmos da escola de nado para os dias de inverno, recemfundada em Vienna de Austria.

E' obra da Camara Municipal. Consiste n'uma sala de marmore vermelho, de 243 palmos em comprido, e 78 em largo, toda coberta de vidraçaria abobadada, que se aguenta á cabeça de 18 columnas fundidas.

No meio jaz o tanque, de seus 58 palmos de largo e 181 de comprido, e forrado, por dentro, de azulejos, por detraz dos quaes ha

uns tubos caloríficos de vapor, que dão ás aguas um tempêro mui suave.

A' roda da sala ha um corredor com cellas, para cada um se vestir e despir á sua vontade; tudo egualmente agazalhado com tubos que tornam o ar muito amoroso.

Dos caixilhos do tecto, que todos são de ferro, pendem 12 grandes lustres de gaz, que até ás 11 horas da noite vão allumiando o folguedo dos nadadores.

(*Rev. Univ*).

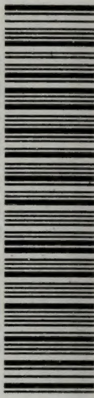
FIM DO SEGUNDO VOLUME

INDICE

EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora



LIVRARIA MODERNA
95—RUA AUGUSTA—LISBOA


UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 02 06 015 8